



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ZUZU ANGEL

RELATÓRIO DE UM PROJETO DE FILME

Fernanda Vinagre Ferreira

Rio de Janeiro/ RJ
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ZUZU ANGEL

RELATÓRIO DE UM PROJETO DE FILME

Fernanda Vinagre Ferreira

Relatório Técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Dr^a Anita Matilde Silva Leandro

Rio de Janeiro / RJ
2023

ZUZU ANGEL

RELATÓRIO DE UM PROJETO DE FILME

Fernanda Vinagre Ferreira

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por



Prof. Dr.ª Anita Matilde Silva Leandro



Prof. Dr.ª Maria Teresa Ferreira Bastos



Prof. Dr.ª Ilana Feldman Marzochi

Aprovada em: 11/07/2023

Grau: 10,0

Rio de Janeiro / RJ
2023

FERREIRA, Fernanda Vinagre.

Zuzu Angel: Relatório de um projeto de filme/ Fernanda Vinagre Ferreira – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2023.

92 f.

Relatório Técnico (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2023.

Orientação: Anita Matilde Silva Leandro

1. Zuzu Angel. 2. Ditadura. 3. Arquivo. I. LEANDRO, Anita Matilde Silva. II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Bacharel

AGRADECIMENTOS

À minha família, por todo o amor e apoio incondicional em todos os caminhos que escolhi seguir. Meus pais Deborah e Ricardo, meus pilares, que me dão segurança a cada passo da minha vida e que, sei, estarão comigo nos tropeços e conquistas, sempre.

Ao amigo e pesquisador Eduardo Schnoor, que desde o início acreditou no meu trabalho e me proporcionou experiências profissionais extremamente importantes para o meu crescimento, sem as quais eu não conseguiria realizar um filme como *Zuzu*.

À professora Anita Leandro, que confiou em mim durante todo o processo, mesmo quando eu mesma me coloquei em dúvida. Obrigada por acreditar em meu projeto e estar junto comigo desde o primeiro frame desse filme.

À minha companheira Carolina Facadio, presente do universo, meu encontro. Obrigada por dividir a vida comigo, pelo amor e pela confiança que me dá para seguir.

Aos meus filhotes, meus cachorros Bené e Loba pelo amor incondicional.

Aos meus amigos, sempre a postos para escutar minhas alegrias e angústias e não medem esforços para me apoiar.

FERREIRA, Fernanda Vinagre. **Zuzu Angel**: Relatório de um projeto de filme. Orientador: Anita Matilde Silva Leandro. Rio de Janeiro, 2023. Relatório Técnico (Graduação Em Radialismo) – Escola de Comunicação, UFRJ.

RESUMO

Este relatório faz um balanço do processo de desenvolvimento de um projeto de longa-metragem, intitulado *Zuzu*, sobre a luta da estilista Zuzu Angel, em busca de seu filho desaparecido, até a morte dela, provocada por agentes da repressão. A vontade de realizar um filme sobre Zuzu Angel surgiu durante extensa pesquisa documental, a partir da descoberta do processo de inquérito elaborado pela polícia para investigar as circunstâncias da morte de Zuzu Angel, em uma simulação de acidente automobilístico, em 1976. Para contar a história da estilista mineira, além de uma cuidadosa seleção de fotografias e documentos textuais provenientes dos arquivos da polícia, o filme vai reunir falas de pessoas próximas a Zuzu Angel ou que presenciaram a morte de seu filho. O relatório apresenta uma síntese da justificativa e da abordagem estética do filme a ser realizado, bem como alguns autores da teoria da história e do cinema, cuja interlocução ajudou a pensar as relações entre cinema e história.

Palavras-chave: Zuzu Angel; Ditadura; Arquivo

ABSTRACT

This report summarizes the process of developing a feature film project, entitled Zuzu, about the struggle of fashion designer Zuzu Angel, in search of her missing son, until her death, provoked by agents of repression. The desire to make a film about Zuzu Angel arose during extensive documentary research, after the discovery of the inquiry process prepared by the police to investigate the circumstances of Zuzu Angel's death, in a simulated car accident in 1976. To tell the story of the designer from Minas Gerais, in addition to a careful selection of photographs and textual documents from the police archives, the film will gather statements from people close to Zuzu Angel or who witnessed her death. The report presents a synthesis of the justification and the aesthetic approach of the film to be made, as well as some authors of the theory of history and cinema, whose interlocution helped to think the relations between cinema and history.

Keywords: Zuzu Angel; Dictatorship; Archive

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. QUEM FOI ZUZU ANGEL?	9
3. O PROJETO	
3.1 ARGUMENTO.....	12
3.2 OBJETIVOS.....	13
3.3 JUSTIFICATIVA	13
3.4 ABORDAGEM ESTÉTICA.....	14
3.5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
REFERÊNCIAS.....	18
ANEXOS	
ANEXO I: CURTA-METRAGEM “ZUZU”	
ANEXO II: PROJETO GRÁFICO DE LONGA-METRAGEM	
ANEXO III: ENSAIO FOTOGRÁFICO “DEMOCRACIA PARA QUEM?”	

1. INTRODUÇÃO

Este relatório tem por objetivo apresentar sinteticamente o conteúdo exposto no projeto gráfico em anexo e complementá-lo. O longa-metragem a ser desenvolvido, intitulado “Zuzu”, em referência ao nome da estilista Zuzu Angel, trata de sua história partindo da análise do processo de inquérito criado pela polícia em 1976 para investigar as circunstâncias de sua morte.

Em 2018, como integrante da equipe de pesquisadores da Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), tive acesso aos primeiros documentos sobre a morte de Zuzu. De lá para cá, esta pesquisa deu origem ao curta metragem *Zuzu* (Anexo I), a um projeto de longa metragem de mesmo nome (Anexo II) e a um ensaio fotográfico (Anexo III). Embora este ensaio não faça parte do meu projeto de filme, trata-se de uma intervenção de fotos de desaparecidos políticos na cidade do Rio de Janeiro, o que me deu elementos para pensar uma forma de filmar os lugares desta cidade relacionados à vida e à morte de Zuzu e Stuart.

A vida de Zuzu Angel foi marcada pela luta que empreendeu contra o regime militar, em sua busca incansável por informações sobre o filho Stuart Angel Jones, desaparecido. Em 1971, Stuart foi preso e torturado pelo regime. Seu corpo jamais foi encontrado. Cinco anos depois, o carro de Zuzu capota estrada abaixo.

Por muito tempo, o assassinato de Zuzu foi considerado apenas um acidente automobilístico. Com o desaparecimento de filho Stuart, em 1971, a estilista passou a ser alguém que lutava por respostas e denunciava os crimes praticados pelo Estado contra a vida de seu filho. Apesar de sua circulação na elite carioca, Zuzu passou a ser vista pelo regime militar como alguém que incomodava. Embora a suspeita sobre a morte de Zuzu não seja recente, somente no ano de 2019 a estilista foi reconhecida pela Justiça brasileira como vítima de crime praticado pelo Estado.

2. QUEM FOI ZUZU ANGEL?

Zuzu Angel foi uma estilista brasileira de renome internacional, que usou de todos os acessos de que dispunha para buscar informações sobre Stuart, ou Tutti, como ela chamava o filho, preso, barbaramente torturado pela ditadura militar, e até hoje desaparecido. Nascida em 1921, na cidade de Curvelo, Minas Gerais, Zuleika Angel Jones foi casada com Norman Jones, com quem teve três filhos: Stuart, Ana Cristina e Hildegard. O fato de o pai de seus filhos ter cidadania estadunidense e Zuzu ter fama e amizades com pessoas muito conhecidas, como a atriz Joan Crawford, tudo isso fez com que sua luta ganhasse maior visibilidade.



Zuzu e seus filhos Hildegard, Ana Cristina e Stuart (na ordem). Fonte: Instituto Zuzu Angel, Foto Estúdio York.

Aclamada no mundo da moda por suas criações, Zuzu utilizou também as passarelas dos Estados Unidos para protestar contra o regime militar brasileiro. Em setembro de 1971, quatro meses após o desaparecimento de seu filho, lançou uma coleção de roupas com desenhos que remetiam à violência praticada pelo Estado ditatorial. Eram pássaros em gaiolas, tanques de guerra, quepes e canhões, bordados sobre as roupas das modelos. Ao final do desfile, Zuzu atravessou a passarela, vestida de luto. Utilizando a moda como forma de protesto, chamou a atenção para a brutalidade dos crimes cometidos pela ditadura militar.

Os protestos e denúncias públicas de Zuzu Angel não se encerraram nas passarelas. Determinada a encontrar respostas, Zuzu escreveu cartas e as entregou a diversas autoridades nacionais e estrangeiras. Nestas cartas, descrevia o que havia acontecido com seu filho, buscando juntar mais vozes aos seus gritos desesperados.

Zuzu Angel passou a incomodar o regime militar. Sua figura era monitorada e ela confessara a amigos, como o cantor Chico Buarque, que recebia telefonemas com ameaças constantes, de vozes que poderia reconhecer. Zuzu não se calava. Foi também para Chico que entregou um bilhete onde escreveu que caso aparecesse morta, seria por obra “dos mesmos assassinos” de seu filho.

“Há dias recebi o documento descrevendo com pormenores as torturas e o assassinato de que foi vítima meu filho Stuart Angel Jones pelo governo militar brasileiro. Se algo vier a acontecer comigo, se eu aparecer morta por acidente, assalto ou outro qualquer meio, terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho”.¹

A busca de Zuzu por seu filho se encerrou em 14 de abril de 1976, quando, após sair de um jantar, seu carro derrapou na saída do túnel Dois Irmãos – hoje túnel Zuzu Angel – na Estrada Lagoa-Barra e capotou estrada abaixo. Por muito tempo o caso ficou arquivado como acidente automobilístico, narrativa conveniente para o regime militar. Muitos fatos contribuíram para que, após tanta luta, os familiares de Zuzu conseguissem o reconhecimento da responsabilização do Estado na sua morte: testemunhas que viram o carro ser jogado para fora da pista; laudos cadavéricos assinados por médicos legistas que já haviam falsificado mortes de outros militantes; lesões que não condiziam com a tese policial, segundo a qual Zuzu teria dormido ao volante; constantes ameaças contra a vida de Zuzu; e, enfim, o fato de o então major Freddie Perdigão, agente ligado ao planejamento de sua morte, aparecer na cena do crime. Em 2019, quarenta e três anos após sua morte, Zuzu foi reconhecida como vítima do Estado ditatorial brasileiro. Zuzu foi assassinada, não vítima de acidente.

Zuzu Angel deixou um legado. Sua história foi contada no teatro e no cinema, ajudando a manter viva a memória de seu trabalho e de sua luta por justiça. Sua determinação e coragem hoje são lembrados pelo túnel que leva seu nome e pelo qual passou antes de sofrer o atentado. Desde 1998, o túnel Dois Irmãos se chama Zuzu Angel, um símbolo de resistência contra o regime ditatorial.

¹ APERJ, Setor DGIE, Notação 242.

3. O PROJETO

3.1 Argumento

Na madrugada de 14 de abril de 1976, após sair de um jantar a caminho de casa, o carro dirigido pela estilista Zuzu Angel derrapa na saída de um túnel na Estrada Lagoa-Barra, bate contra a mureta de proteção da pista e capota estrada abaixo.

Um inquérito é produzido no mesmo mês de sua morte com fotografias tiradas no local e coleta de depoimentos de pessoas que a conheciam e que estiveram presentes ao último jantar de sua vida. As investigações oficiais concluem que o evento não passara de um acidente. Argumentos de que Zuzu apresentava-se muito cansada foram utilizados como motivo.

Zuzu Angel era uma figura que vinha incomodando o Estado ditatorial brasileiro. Com o desaparecimento de seu filho Stuart, a estilista voltou suas atenções para denunciar as violências praticadas pelos órgãos repressivos. Ao receber uma carta escrita por um militante preso no mesmo local que Stuart, Alex Polari, Zuzu fica sabendo com detalhes o destino trágico de seu filho: torturas, assassinato e desaparecimento. Ela lutou incansavelmente até o fim de sua vida para que o corpo de Stuart fosse encontrado.

Em 2014, trinta e oito anos depois de sua morte, um ex-agente do SNI, Cláudio Guerra, afirma em depoimento para a Comissão Nacional da Verdade, que o suposto “acidente” de carro fora planejado pelo regime, corroborando suspeitas já levantadas em depoimentos dados por outras pessoas em anos anteriores. Seu carro fora jogado para fora da pista.

Apesar de tudo, somente em 2019 a Justiça brasileira reconheceu o Estado como culpado pela morte da estilista. Zuzu Angel não foi vítima de acidente automobilístico, Zuzu foi vítima de assassinato.

Partindo do estudo das imagens produzidas no inquérito de investigação de sua morte, em 1976, mas não se encerrando nele, o filme busca explorar essa documentação para trazer à tona os silêncios produzidos pelo discurso oficial. O projeto *Zuzu* se coloca, assim, como participante no lento e difícil processo de elaboração de uma memória coletiva sobre a ditadura militar no Brasil, onde a destruição e a sonexação de arquivos, bem como o revisionismo de extrema direita, ainda rondam.

3.2 Objetivos

- Realizar um documentário de longa-metragem que possa contribuir para a construção de uma memória coletiva sobre as violações dos direitos humanos praticadas pelo Estado durante a ditadura militar brasileira.
- Valorizar os arquivos da história, com propostas estéticas que os coloquem em primeiro plano.
- Revelar, com as ferramentas do cinema, o jogo de forças que se encontra na produção de qualquer documento, colocando-os em relação, na montagem.
- Questionar a produção de discursos oficiais, produzindo, no longa-metragem *Zuzu*, uma confrontação de documentos.

3.3 Justificativa

A escolha do tema do filme justifica-se pela importância do assunto em diversos sentidos, como o interesse público e a formação da memória de uma sociedade. Até hoje há desaparecidos políticos da ditadura, inúmeras famílias que sequer tiveram o direito de enterrar os corpos de seus entes queridos. É necessário que um período ainda tão recente, extremamente violento e contrário à liberdade, não seja esquecido.

Como forma de combater o esquecimento, é essencial que se crie mecanismos legislativos que permitam o acesso da população à documentação produzida pelos órgãos de repressão durante o período de 1964 a 1985. Neste sentido, há que se destacar a promulgação em novembro de 2011 da lei 12.527, a Lei de Acesso à Informação (LAI), que possibilitou o acesso integral aos documentos mencionados. Antes da criação da LAI, os regulamentos permitiam, por exemplo, a prorrogação por prazo indefinido de documentos considerados sigilosos no grau considerado ultrassecreto.²

² Segundo Stampa, Santana e Rodrigues, “os graus de sigilo eram o ultrassecreto (até trinta anos, prorrogável indefinidamente), o secreto (até vinte anos), o confidencial (até dez anos) e o reservado (até cinco anos). Atualmente, são apenas três graus: ultrassecreto (máximo de vinte e cinco anos, prorrogável uma única vez),

Com meu filme, pretendo contribuir para que um período tão sombrio e violento como a ditadura militar não volte a acontecer. Em um momento de crescimento da extrema direita, é cada vez mais importante que o conhecimento sobre o que foi o período de 1964 a 1985 permaneça latente na memória e é com esse intuito que se realizará o longa-metragem “Zuzu”.

3.4 Abordagem Estética

O longa-metragem *Zuzu* será composto por imagens de arquivo e filmagens atuais, todas em preto e branco. Nas primeiras duas partes do filme, o foco das imagens vai estar na documentação. Serão trazidos para a tela documentos produzidos pelos órgãos de repressão durante os anos 1970; dossiês encaminhados à Comissão Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos em 1998 em busca de indenização e responsabilização do Estado pela morte de Zuzu Angel; depoimentos dados à Comissão Nacional da Verdade, em 2014; e a certidão de óbito da estilista mineira com causa mortis alterada emitida pela Justiça em 2019.

Na montagem, acompanhados por narrações em off, os documentos serão apresentados em detalhe e pausadamente. O filme *Zuzu* traz para a tela o que o pesquisador Roger Odin chama de “leitura documentarizante”, que, segundo Aguiar, faz o espectador atribuir ao cinema a categoria de “documento”.³ O uso de imagens de arquivo, documentos de diferentes origens, os depoimentos de pessoas e os recursos de voz off e de cartelas informativas vão conduzir uma montagem de evidências que irão demonstrar que Zuzu foi vítima de assassinato, e não de acidente.

A terceira parte do filme não se encerra nas imagens de arquivo, e traz para a tela filmagens atuais, misturadas a imagens do período em que Zuzu Angel viveu. As imagens atuais serão captadas com uma câmera na mão, de modo que isto aproxime o espectador da narrativa e o faça criar uma relação de afeto com a estilista mineira e com sua trajetória. A câmera vai percorrer locais importantes para Zuzu, desde antes do desaparecimento de Stuart até o fim de sua vida. A escolha destes locais será feita através da pesquisa documental e de entrevistas prévias com pessoas que faziam parte do círculo de Zuzu Angel.

secreto (máximo de quinze anos) e reservado (máximo de cinco anos).” (STAMPA, SANTANA, RODRIGUES: 2014, p. 51).

³ AGUIAR, Carolina Amaral de. Cinema e História: documentário de arquivo como lugar de memória. In: *Revista Brasileira de História*, n. 62, 2011, p. 240.

Ao final da terceira e última parte do filme, o foco das filmagens muda. Cada vez mais nos aproximaremos do fim da vida de Zuzu. O caminho que a estilista percorreu naquela madrugada de 14 de abril de 1976 será refeito. Na montagem, fotogramas serão retirados das imagens captadas, utilizando a técnica de *stopmotion*, para dar ao espectador a impressão de estar vendo uma sequência de fotos que, juntas, provocam a sensação de movimento.

Alguns aspectos da relação entre as imagens do passado e do presente que pretendo estabelecer no filme pode ser vista no anexo III deste relatório, no ensaio fotográfico “Democracia Para Quem?”. Através de intervenções digitais em vários locais do Rio de Janeiro onde militantes políticos desapareceram, inscrevendo, nesses lugares, fotografias dos desaparecidos, palavras e notícias retiradas de jornais da época, o ensaio já indica algumas pistas para a abordagem estética dos materiais.

Além dos documentos da história, várias vozes se associarão, neste filme, para falar da luta de Zuzu Angel em busca do filho. A carta de Alex Polari será lida por ele mesmo e a carta de Zuzu Angel entregue às autoridades dos Estados Unidos será lida por Hildegard Angel. Além de Polari e Hildegard, iremos encontrar também Chico Buarque, amigo de Zuzu Angel, e a quem ela confiou um bilhete, denunciando as ameaças de morte que vinha sofrendo.

Os recursos de montagem vão ser utilizados para causar certo incômodo no espectador. Por ser um filme realizado em grande parte com fotografias, sejam elas de lugares ou de documentos, a montagem reservará a esse material um tratamento temporal particular, buscando, no silêncio da fotografia, uma atmosfera que produza novas camadas de sentidos para essas imagens.

O filme se encerra com a canção “Angélica”, composição de Chico Buarque em homenagem à Zuzu e que conta a história da luta de uma mãe que viveu todos os seus dias em busca do filho desaparecido.

3.5 Fundamentação Teórica

A idealização do longa-metragem *Zuzu* se deu após a descoberta do inquérito de investigação da morte da estilista em meio a um amplo volume de documentação pesquisada no Serviço de Gestão de Acervos Arquivísticos Permanentes (SEGAP) do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, durante trabalho minucioso para a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), que visava encontrar e identificar corpos de pessoas até hoje consideradas desaparecidas pela ditadura militar brasileira.

Com a leitura do referido inquérito, a forma que se pretende montar o filme busca levar em conta tanto a valorização do documento em si quanto trazer o questionamento da própria noção de documento como algo que expressa a “verdade” sobre uma época.

Autores como Jacques Le Goff e Carlo Ginzburg chamam a atenção para o jogo de forças presente na produção e na preservação dos documentos. Para Le Goff, um documento preservado mostra partes do passado, revela e esconde ao mesmo tempo, e é “produto da sociedade que o fabricou” (LINS, REZENDE, FRANÇA, 2011, p. 59). Ginzburg, ao analisar documentos produzidos pela Inquisição, chama a atenção para a necessidade de observar nas fontes as entrelinhas, os silêncios, o “não dito”, contextualizando-as em relação ao momento e à situação em que foram produzidas (GINZBURG, 1990/91).

Neste sentido, é preciso ter em conta que o inquérito da morte de Zuzu Angel foi produzido durante a ditadura militar, por forças do próprio regime, que indicaram e reuniram “provas” que julgaram suficientes para concluir que a fatalidade de seu destino fora resultado do acaso. No documento em questão, além das fotografias reunidas do evento e do local – tiradas pelos peritos –, há também a coleta de depoimentos de familiares e pessoas que estiveram presentes no jantar do qual Zuzu saíra antes de morrer – ou melhor, ser assassinada.

Le Goff, no entanto, faz uma diferenciação entre as categorias de documento e monumento, sendo o primeiro objeto da história e, portanto, escolha do historiador, e o segundo herança do passado. Os monumentos podem ser, portanto, instrumentos de poder, uma vez que estão ligados à perpetuação do passado, à recordação, ao poder de produzir memórias “coletivas”. (LE GOFF, 1990). O cinema, assim, seria uma forma “monumentalização” de documentos.

Dada a massa documental a ser trabalhada no filme *Zuzu*, a montagem terá um papel preponderante Segundo Anita Leandro (2015, p. 5), a montagem torna possível a restituição de uma memória, de uma narrativa, a partir do arquivo, que é fundamentalmente descontínuo, fragmentado.

Em entrevista a Comolli, Sylvie Lindeperg fala de uma imbricação de olhares no cinema de história: de quem produziu a imagem, do cineasta e do espectador, somado à influência do que está fora do campo, como, por exemplo, o conhecimento que se tem sobre algum acontecimento (COMOLLI, 2010, p. 338).

Voltando ao inquérito de investigação da morte de Zuzu Angel, poderíamos nos perguntar: por que os materiais arquivados não mostram a presença de um agente da repressão no local do assassinato, conforme divulgado recentemente? Em que medida aquelas imagens

favorecem o discurso de quem as produziu? Há nas imagens de arquivo inúmeras lacunas que, na montagem, podem ser, senão preenchidas, pelo menos apontadas.

A montagem restitui a possibilidade de uma memória. Memória esta que por muito tempo permaneceu em silêncio, “subterrânea”, distante do espaço público e impotente diante do discurso oficial (POLLAK, 1989, p. 4). O diálogo com todos esses autores tem ajudado a pensar a relação entre documento, fontes sonoras, montagem e escrita da história, que se encontra no centro do projeto *Zuzu*.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL, Dossiê, Fundo: Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, Código de Referência: BR DFANBSB AT0.0.0.689.

ARQUIVO NACIONAL, Dossiê Zuzu Angel, Fundo: Serviço Nacional de Informações, Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.75083500.

ARQUIVO NACIONAL, Dossiê Hildegard Angel, Fundo: Correio da Manhã, Código de Referência: BR RJANRIO PH.0.FOT.8851.

ARQUIVO NACIONAL, Relatório da CNV (vol. I), Fundo: Comissão Nacional da Verdade, Código de Referência: BR RJANRIO CNV.0.ERE.00092000545201529.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Fundo: DGIE, Notação 242.

INSTITUTO FELIX PACHECO, Prontuário Stuart Angel Jones, Registro n. 1842.264.

SERVIÇO DE GESTÃO DE ACERVOS ARQUIVÍSTICOS PERMANENTES. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Inquérito Policial – 15ª DP. Zuleika Angel Jones, Ano 1976.

AGUIAR, Carolina Amaral de. Cinema e História: documentário de arquivo como lugar de memória. In: *Revista Brasileira de História*, n. 62, 2011.

BRASIL, André. Formas do antecampo: performatividade no documentário brasileiro contemporâneo. In: *Revista FAMECO*, Rio Grande do Sul, vol. 20, n. 3.

FIGUEIREDO, Lucas. *Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, n. 21, set. 1990 - fev. 1991.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LEANDRO, Anita. Montagem e história: uma arqueologia das imagens da repressão. In: *Compós – 24º Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Brasília, 2015.

LINS, Consuelo, RESENDE, Luis, e FRANÇA, Andrea. “A noção de documento e a apropriação de imagens de arquivo no documentário ensaístico contemporâneo”. In: *Galáxia*, n. 21, 2011.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história. Interfaces. In: *Tempo*, vol. 1, n. 2, 1996.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

THIESEN, Icleia (org.). *Documentos sensíveis: informação, arquivo e verdade na Ditadura de 1964*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014

ANEXO II



ZU **ZU**



LONGA-METRAGEM DOCUMENTAL
70 MIN

ESCRITO E DIRIGIDO POR FERNANDA VINAGRE

Planejamento de produção

Pesquisa: Janeiro a Junho de 2024

Produção e Filmagem: Agosto a Novembro de 2024

Rio de Janeiro - Curvelo (MG)

Finalização: Dezembro de 2024

ZUZU

Rio de Janeiro, madrugada de 14 de abril de 1976. Um carro derrapa e capota estrada abaixo na saída do túnel Dois Irmãos, autoestrada Lagoa-Barra. A estilista Zuzu Angel, que dirigia o automóvel, morre na hora. Abre-se imediatamente um inquérito para investigar as causas de sua morte e o caso é arquivado como acidente automobilístico. Quarenta e três anos depois, o Estado é responsabilizado pela morte de Zuzu. Mãe do desaparecido político Stuart Angel, ela vinha desafiando a ditadura militar em busca de seu filho, assassinado na base militar do Galeão, segundo testemunhas.

RJ = Secretaria de Segurança Pública

DGPC = DPM = 15ª Delegacia Policial

Serviço das 20 hs. de 13.04. às 08,00 horas do dia 14.04.76

Comissário de dia: DR. ASDRUBAL N. LIMA

Registro nº 912

Livro Impar 185

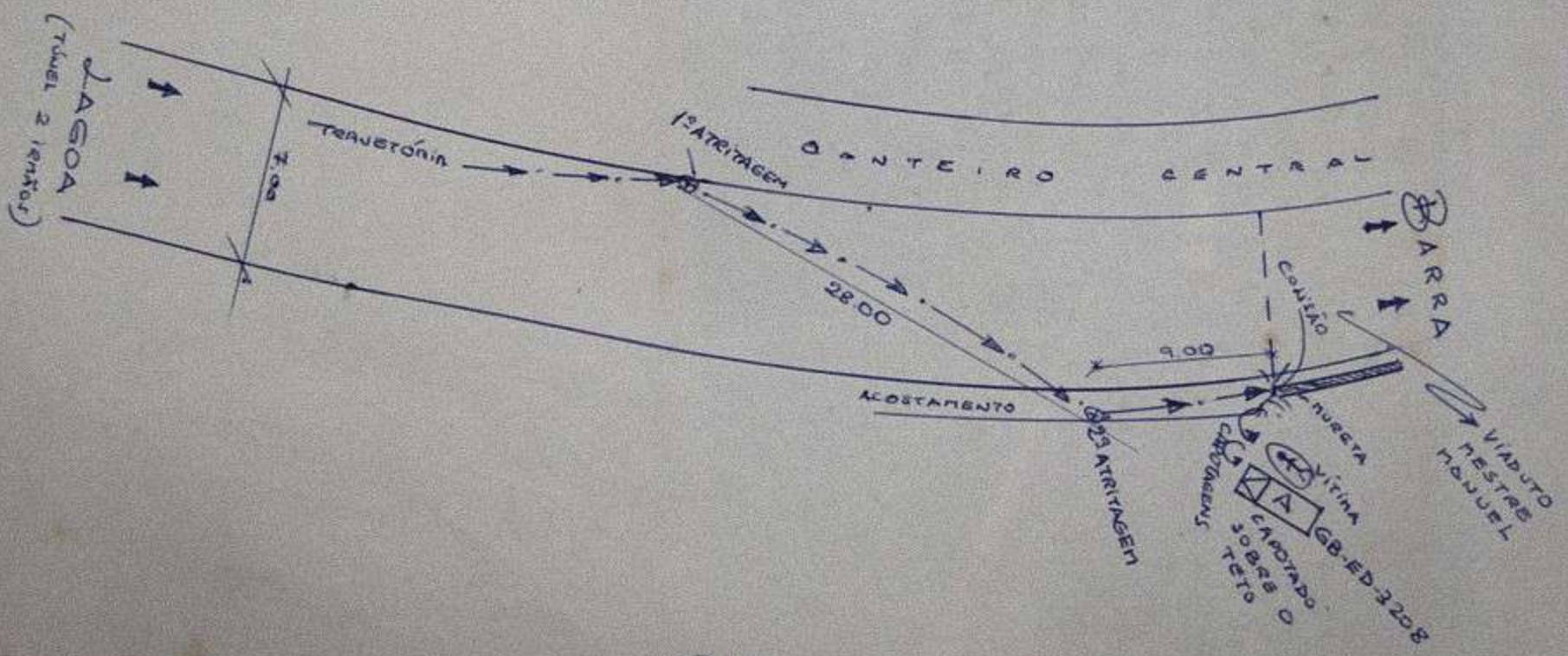
Fls. 39 verso

COLISÃO DE VEÍCULOS COM MORTE.

Às 03,00 horas compareceu a patrulha 54/0018, comandada pelo cabo Santos RG 05.906 do 2º BPM, 4ª Cia. comunicando que momentos antes o auto VW Karaman Guia T6, cor azul, ano 1972, de propriedade e dirigido por ZULEIKA ANGEL JONES, brasileira, branca, casada, 54 anos de idade, filha de Pedro Netto e de Francisca Netto, ~~apresenta~~ carteira I.F.P. nº 1.386.539, auto de placa GB=ED 32 08, bilhete de seguros nº 813.690 da Excelcior Cia. de Seguros, que quando pela Auto-Estrada Lagoa-Barra após a saída do Túnel Dois Irmãos, saíra da pista indo colidir com a parte direita (proteção) do viaduto Mestre Manuel, indo cair a seguir na Estrada da Gávea, após capotar seguidamente. Compareceu ao local a ambulância do H.M.C., constatando óbito, bem como o Serviço de Salvamento do Corpo de Bombeiros do Humaitá, comandado pelo tenente Timpone, os quais retiraram das ferragens, o cadáver de "Zuzu Angel". Compareci ao

000RR. n: 2756/76.

Paros } *Plano*
Sergio Leite



A. Soares

VIC 1. G. FOTO 1961



SINOPSE

Na madrugada de 14 de abril de 1976, o carro dirigido pela estilista Zuzu Angel derrapa na saída de um túnel na Estrada Lagoa-Barra e capota estrada abaixo.

Um inquérito é produzido no mesmo mês de sua morte. Por meio de investigações oficiais da época, conclui-se que tudo não passara de um acidente automobilístico, provocado pela própria motorista. Na verdade, Zuzu era *persona non grata* para o Estado e acabar com sua vida poderia ser conveniente.

O filho de Zuzu Angel, Stuart Angel, ligado ao movimento estudantil e ao MR8, desaparece em 1971. Ela recebe, então, uma carta de Alex Polari, preso junto com Stuart e testemunha ocular de seu assassinato, sob tortura, na base aérea do Galeão. Na carta, Polari explica em detalhes o suplício infringido ao jovem Stuart, com 25 anos, na época. De forma destemida, Zuzu começa uma campanha nacional e internacional para denunciar o assassinato do filho e as violências praticadas pelos órgãos repressivos no Brasil.

Em 2014, na Comissão Nacional da Verdade, um ex-agente do DOPS informa que o suposto "acidente" de carro havia sido planejado pelo regime. O carro de Zuzu fora, na verdade, jogado para fora da pista.

Quase cinquenta anos depois de sua morte, cartas de denúncia enviadas por Zuzu Angel e, lidas, hoje, por sua filha, Hildegard Angel, fazem ecoar no silêncio da história, fatos acobertados pela ditadura.



JUSTIFICATIVA

A escolha do tema deste filme tem sua primeira justificativa na necessidade de construção de uma memória coletiva sobre a ditadura militar. Até hoje há desaparecidos políticos. As famílias sequer tiveram o direito de enterrar os corpos de seus entes queridos. Um período ainda tão recente, e violento, cujos torturadores e governantes nunca foram punidos, precisa ser sempre lembrado, para que novos regimes de exceção não se instalem novamente no Brasil.

As inconsistências no processo de inquérito que colocam em xeque a versão oficial de que sua morte teria sido consequência de um acidente movem a realização deste filme. A começar pelos médicos legistas que assinam o laudo: Hygino de Carvalho Hércules e Ivan Nogueira Bastos. Esses médicos já haviam acobertado outras mortes, ao assinarem laudos cadavéricos falsos, como os de Eremias Delizoikov (morto em 1969), José Raimundo da Costa (morto em 1971) e Lyda Monteiro da Silva (morta em 1980).

Segundo conclusão do laudo de exame do processo de inquérito de 1976, a causa determinante da morte de Zuzu foi a "total privação dos reflexos de defesa", o que fecha a narrativa construída ao longo de todo o inquérito de que a estilista andava muito cansada ultimamente e com sono no jantar que compareceu logo antes de sua morte. A tese defendida era de que Zuzu dormira no volante.

No entanto, em processo da Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos de 1998, os especialistas em perícias de trânsito Valdir Florenzo e Raphael Martello Filho afirmam que uma das lesões no corpo de Zuzu, a fratura do perônio direito, é "típica de compressão transmitida pelo pedal de freio no momento do impacto". Uma pessoa dormindo ao volante não teria o reflexo de pisar no freio.

Por fim, há relatos de testemunhas que contradizem a versão do acidente. Uma delas, dirigindo na autoestrada Lagoa-Barra, diz ter visto o carro de Zuzu ser "abalroado por outros dois carros". Outra, que morava em edifício próximo ao local, afirma que em poucos minutos, havia quase uma dúzia de viaturas no local, como se a capotagem já estivesse sendo esperada.

São muitas inconsistências a desmentirem a versão de acidente automobilístico, mentida por quarenta e três anos. Este filme ajudará a esclarecer que Zuzu foi, sim, vítima de morte violenta causada pelo Estado, como atesta sua certidão de óbito emitida em 2019.

Muitas das figuras ainda hoje no poder estiveram também à frente da repressão no período da ditadura, ou, pelo menos, são “filhas” dessa geração. A impunidade dos torturadores perpetuou práticas criminosas, e o desaparecimento forçado e o assassinato cometidos por agentes do Estado ainda acontecem nos dias de hoje.

Num momento em que o fascismo se fortalece e nomes de torturadores são exaltados pela extrema direita brasileira, à frente da presidência da República nos últimos quatro anos, é necessário que a memória de tempos tão tenebrosos seja elaborada pelo cinema. Sem isso, a democracia segue ameaçada pelo fantasma do regime ditatorial.

A realização deste filme conjuga dois de meus interesses: cinema e história. Historiadora de formação, procuro trazer para o terreno do documentário minha experiência com pesquisa documental. Minha participação como pesquisadora na Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), em 2018, permitiu-me conhecer melhor acervos importantes para a pesquisa sobre o tema no Rio de Janeiro. O acesso a essa documentação será fundamental para a realização deste filme. Já conheço alguns dos acervos mais importantes para a pesquisa sobre as mortes de Zuzu e de Stuart Angel, como: o Arquivo Nacional – e o Centro de Referência das Lutas Políticas ou Memórias Reveladas –; o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), cujo fundo Polícias Políticas possui documentos riquíssimos em informações; e o Serviço de Gestão de Acervos Arquivísticos Permanentes do Tribunal de Justiça do Estado do RJ (SEGAP), de onde veio o processo de inquérito trabalhado neste filme.

Ao se debruçar sobre esses documentos, o filme “Zuzu” se coloca como participante de um longo processo de construção de memória coletiva, sem o qual a luta dos que morreram por liberdade pode cair no esquecimento.





MICO I.C. POTINGA

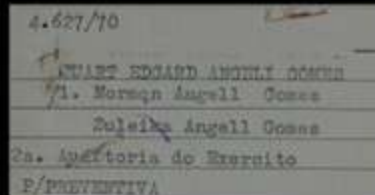


MÉTODO DE REALIZAÇÃO

O filme se divide em três partes. A primeira delas reconstitui, passo a passo, a busca de Zuzu em vida por informações sobre seu filho desaparecido e suas denúncias corajosas sobre os crimes do regime militar. A segunda parte, mais atual, trata da luta da família – e da sociedade – pela responsabilização do Estado pela morte de Zuzu Angel. A terceira, e última parte do filme, ao percorrer os lugares dessa história, filmados hoje por uma câmera à escuta dos ecos do passado, enfrenta a difícil relação do Brasil com sua própria história.

A primeira parte do filme se serve de imagens de arquivo, cartelas e voz off e será dividida em três atos. O objetivo é apresentar ao espectador o contexto que organizará o restante do filme. As imagens assistidas na tela serão compostas por fotografias encontradas no processo de inquérito aberto em 23 de abril de 1976, com o intuito de investigar as circunstâncias do que então foi considerado um “acidente”. As fotografias registram cenas do episódio. Além disso, outros documentos serão utilizados para compor esta história: as cartas escritas por Zuzu Angel e por Alex Polari, que preencherão o campo sonoro, em off, enquanto as imagens se materializam.

Todas as fotografias a serem retomadas na montagem da primeira parte de *Zuzu* foram produzidas pela polícia, com exceção da última que não consta no inquérito: nela, vemos o coronel Freddie Perdigão em frente ao Karmann-Ghia amassado. O uso desses arquivos no filme vai tentar trazer à luz do presente não só a parte visível do documento, mas também o que ele esconde. Uma vez que a fotografia é uma leitura do real, finalizar a montagem da primeira parte do filme com uma imagem de um agente da repressão, ligado à terrível Casa da Morte, perto do carro de Zuzu, visa levar o espectador a, não só vincular à ditadura o que aconteceu à estilista, mas também se questionar sobre o que pode ter sido omitido pelas fotografias ditas “oficiais”.



A busca incessante de Zuzu Angel por seu filho mais novo Stuart Angel Jones, desaparecido em maio de 1971, terminou em morte na madrugada de 14 de abril de 1976.



Entre as fotografias mostradas na primeira parte do filme, o recurso das cartelas será utilizado para encadear os acontecimentos e explicar ao público o processo de luta de Zuzu Angel para saber informações sobre seu filho Stuart, cujo corpo até hoje encontra-se desaparecido. Em off, as vozes de Hildegard Angel, filha de Zuzu, e de Alex Polari, testemunha da morte de Stuart, se alternarão na leitura de duas cartas. Ao longo das narrações, as imagens do local do atentado vão aparecendo lentamente em *fade in*. Aos poucos, o espectador descobre o cenário do assassinato. A leitura das cartas se interrompe e duas fotografias do processo de inquérito de Zuzu Angel encerram essa primeira parte do filme. Neste momento, temos apenas o silêncio, característico da linguagem da fotografia, que, quando trazida pelo cinema, nos obriga a dar um novo tratamento ao tempo.

As duas fotografias mostram o carro amassado, com rodas para cima, no local em que foi parar após a capotagem. Na primeira delas, o carro é visto de cima para baixo, fotografado do alto do viaduto Mestre Manuel, de onde o carro despencou. Já a segunda registra a cena de modo frontal, na atual rua General Olímpio Mourão Filho. A escolha da montagem pelo silêncio, enquanto as duas fotografias são mostradas causa impacto e traz ao espectador a gravidade do que foi, não só o assassinato de Zuzu, como também a própria ditadura militar.

Após uma cartela que revela o texto de um bilhete entregue por Zuzu a alguns amigos, entre eles Chico Buarque, com denúncia de ameaças de morte, a fotografia do coronel Freddie Perdigão no local do atentado, em frente ao carro de Zuzu vai aparecendo lentamente em *fade in* para encerrar a primeira parte do filme.



"Há dias recebi o documento descrevendo com pormenores as torturas e o assassinato de que foi vítima meu filho Stuart Angel Jones pelo governo militar brasileiro. Se algo vier a acontecer comigo, se eu aparecer morta por acidente, assalto ou outro qualquer meio, terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho"

Zuleika Angel Jones - 23 de abril de 1975



A segunda parte do filme se inicia com um burburinho crescente de diversas vozes, em off. O som é abruptamente interrompido em corte seco. Cada uma destas vozes vai trazer indicações de que Zuzu Angel foi mesmo assassinada. A multiplicidade de vozes visa mostrar que a luta por responsabilização do Estado brasileiro é uma luta coletiva da sociedade, e não só da família da estilista.

Após o término destas narrações, podemos ouvir apenas uma voz, que lê a conclusão da certidão de óbito emitida pela Justiça em setembro de 2019: "causa mortis: em razão de morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro, no contexto da perseguição sistemática e generalizada à população identificada como opositora política ao regime ditatorial de 1964 a 1985".

Ainda com o foco no documento, esta segunda parte do filme terá como base o processo aberto por Hildegard Beatriz Angel Bogossian, filha de Zuzu, em 1998, endereçado à Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos requerendo indenização pela morte de sua mãe. Neste processo, são apontadas inúmeras contradições no inquérito de 1976 e na narrativa de "acidente" que se estabeleceu.

A partir destas contradições, serão trazidas para a tela trechos textuais do inquérito oficial, como laudo de exame e depoimentos que corroboram com a narrativa de que Zuzu teria dormido no volante, em conjunto com o apresentado no processo dos anos 1990, como, por exemplo, as novas perícias feitas e os testemunhos que dizem ter visto o carro de Zuzu ser jogado para fora da pista.

Será abordada nesta parte também desde a investigação da Comissão Nacional da Verdade e o depoimento do ex-delegado do DOPS Claudio Guerra que aponta a participação do então major Freddie Perdigão no atentado à Zuzu, até a emissão da certidão de óbito de 2019.

A
COMISSÃO ESPECIAL DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
EXMO. SR. RELATOR DR. LUIS FRANCISCO CARVALHO FILHO

MORTO: ZULEIKA ANGEL JONES

INTERESSADA: HILDEGARD BEATRIZ ANGEL BOGOSSIAN (filha)

Processo: 237/96

Prezados Senhores,

Vimos pela presente solicitar cópia de toda a complementação do processo em epígrafe e que a mesma seja entregue para a Dra. Vera Xavier aí em Brasília que receberá a referida documentação em nosso nome, complementação apresentada na reunião de ontem.

194. O envolvimento direto de agentes da repressão na morte de Zuzu Angel foi confirmado à CNV pelo ex-delegado do DOPS/ES, Cláudio Antônio Guerra. Ele apontou o então major Freddie Perdigão Pereira, lotado na agência Rio de Janeiro do SNI, como o responsável pelo atentado que matou a estilista. Guerra, que trabalhou em várias ações clandestinas sob o comando de Perdigão, confidenciou ter ficado preocupado, pois havia sido fotografado na cena do crime.

Éramos confidentes, frequentávamos a casa um do outro. Um dia ele me disse que havia planejado simular o acidente dela [Zuzu Angel], e estava preocupado, pois achava que havia sido fotografado na cena do crime.¹⁹⁴

195. Guerra apresentou a imagem, uma fotografia em preto e branco do fotógrafo Otávio Magalhães, de *O Globo*, que não chegou a ser publicada à época. Perdigão aparece à paisana, encostado em um poste, com uma camisa clara, levando a mão direita ao rosto, olhando para o carro da vítima.


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
CERTIDÃO DE ÓBITO
INTERINO TEOR

NOME
ZULEIKA ANGEL JONES

Matrícula
053146 01 55 1976 4 00384 151 0051376 55

Proteção Jurídica - TABU
Comissão Central de Justiça
Setor de Registros e Cartórios
EDOT-48265 YBG
Consulte e valide este ato em
<http://www.tcu.gov.br>

Certifica que, revendo o livro C-384 de registro de óbito, dele a folha 151V, sob o número de ordem 1376, consta o registro de teor seguinte: Aos quinze (15) dias do mês de abril do ano de mil novecentos e setenta e seis (1976), nesta cidade do Rio de Janeiro e em cartório, compareceu ANAKILHO FERREIRA, natural de Brasil, Motorista, com 35 anos de idade, casado(a), identidade: EM BRANCO, residente na RUA SANTA LUISA - 206 - CENTRO e, exibindo atestado de óbito firmado pelo(a) Dr(a). NIGINO DE CARVALHO HERCULES - CRM 8987, dentre as seguintes declarações: Nome da obituada: ZULEIKA ANGEL JONES



Na terceira sequência do filme, o foco será a relação entre passado e presente dos locais que fizeram parte do cotidiano e história de Zuzu Angel até o fim de sua vida, levando-se em conta as rupturas e permanências entre os diferentes tempos. Neste momento, serão utilizadas imagens de arquivo e filmagens atuais.

Enquanto ouvimos em off histórias de afeto que Hildegard Angel e Chico Buarque têm a contar sobre Zuzu, em tela serão mostradas imagens filmadas com câmera na mão de lugares importantes na trajetória de Zuzu, como por exemplo: a cidade mineira de Curvelo onde nasceu, seu ateliê em Ipanema e o prédio onde morou. Apesar de as imagens aqui serem captadas em vídeo, na montagem serão colocadas simulando a técnica de *stop motion*, para que dê ao espectador a sensação de estar vendo uma sequência de fotos que trazem a ilusão de movimento.

As imagens do local do assassinato de Zuzu somente serão mostradas no final desta terceira parte, já sem narrações em off. Mais uma vez, utilizaremos o silêncio como recurso. As imagens sairão de tela em corte seco para tela preta.

Enquanto entram os créditos do filme, ouvimos na íntegra a música "Angélica", que Chico Buarque compôs em homenagem à Zuzu.





PRÓLOGO

Efeito sonoro de derrapagem e batida de carro. Ao som da batida, o título *Zuzu* entra em tela. Uma cartela apresenta o assunto: "A busca incessante de Zuzu Angel por seu filho mais velho Stuart Angel Jones, desaparecido em maio de 1971, terminou em morte na madrugada de 14 de abril de 1976."

Uma sequência de treze fotografias do processo de inquérito de morte de Zuzu, com duração média de doze segundos cada, vai se aproximando da tragédia. As fotos mostram a autoestrada Lagoa-Barra, segue para o local em que o carro despencou ainda vazio, depois mostra o mesmo local com o carro capotado, e finaliza com o carro amassado. Um efeito sonora de tensão crescente acompanha a sucessão das imagens.

PARTE I

ATO I

DESAPARECIMENTO DE STUART

14 de Maio de 1971

ATO II

BUSCA DE ZUZU POR STUART

Maio 1971 - Abril 1976

ATO III

ASSASSINATO DE ZUZU ANGEL

14 de Abril de 1976



ATO I

DESAPARECIMENTO DE STUART

14 de Maio de 1971



Neste ato, é apresentada ao espectador a motivação da luta da estilista Zuzu Angel, até o fim de sua vida, pelo esclarecimento da morte do filho desaparecido e pela localização do corpo. Através de fragmentos documentais que vão aparecendo e sumindo da tela, o desaparecimento de Stuart Angel toma forma.

Os documentos utilizados neste primeiro momento são: os trechos “elementos procurados” e “mandados de prisão expedidos”, retirados de processos do Serviço Nacional de Informações (SNI), comuns durante a ditadura militar, onde eram listados os nomes de todos aqueles considerados “inimigos” pela repressão; uma ficha de 1970 pertencente ao prontuário criminal de Stuart Angel, localizado no Instituto Felix Pacheco (IFP), onde se lê a filiação de Stuart Angel e uma indicação de prisão preventiva; a ficha de identificação do IFP com as impressões digitais de Stuart; uma foto do rosto do estudante; e, por fim, a palavra “assassinos”, retirada de cartaz exposto na PUC-GB após a morte de Zuzu Angel. A escolha dos fragmentos documentais relacionados acima tem a intenção de encadear os acontecimentos desde a prisão e desaparecimento de Stuart até sua morte.

Na sequência, uma cartela com o seguinte texto: “Em 23 de maio de 1972, Alex Polari, militante preso junto com Stuart no Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA), escreveu uma carta para Zuzu Angel contando o ocorrido com seu filho na Base Aérea do Galeão”.

Parte das fotografias encontradas no inquérito da morte de Zuzu são exibidas em *fade in* lento e saídas da tela em corte seco, enquanto em off ouvimos trechos da carta de Alex Polari ser lida. As imagens mostradas neste momento são da autoestrada Lagoa-Barra de dia e do local em que o carro da estilista foi parar após despencar do viaduto Mestre Manuel. Estas imagens revelam o ambiente do assassinato vazio, sem o carro amassado, policiais ou o corpo de Zuzu.

O ritmo lento com que as imagens aparecem e a escolha pelos ambientes vazios, enquanto palavras tão duras com a descrição minuciosa do que aconteceu à Stuart são lidas, tem a intenção de trazer a ausência que o desaparecimento de um ente querido causa e aproximar o espectador da dor de uma mãe ao receber tais notícias.

A carta lida em off acompanha o ritmo das imagens e tem pontos de corte em palavras fortes para acompanhar o fim de cada fotografia. Um exemplo destes pontos de corte está na palavra “completo”, ao fim do seguinte trecho: “A tosse aumentou, as frases se tornaram ininteligíveis e depois cessaram por completo.”

A seguir as fotografias escolhidas e a transcrição completa da carta de Alex Polari.



CARTA DE ALEX POLARI A ZUZU ANGEL

"À Sra Zuleika Angel.

Venho, por meio desta, a reafirmar e confirmar o testemunho prestado e enviados a várias auditorias e órgãos ditos fiscalizadores dos direitos da pessoa humana e que diz respeito ao destino de Stuart Edgard Angel Jones no centro de torturas e assassinatos do CISA (Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica) para onde foi levado preso.

Como é sabido, hoje em dia os órgãos de segurança já não se limitam à prática sistemática das torturas tão largamente conhecida em nosso país e no exterior. Quadros combatentes, militantes, simpatizantes, suspeitos e até mesmo pessoas inocentes de qualquer atividade política, estão hoje sujeitas à tortura e à morte nos cárceres. Tal política oficial de extermínio a nós, presos políticos, tem progredido de forma terrível e tanto mais ela é terrível, quanto vemos o cinismo com que nossos governantes desmentem as acusações que lhe são imputadas e falam de uma campanha para 'denegrir a imagem do país no exterior'. Quando a verdade nua e crua tem essa capacidade de deixar tão preocupadas nossas autoridades, no seu zelo de preservar a fachada democrática do regime, é porque algo está errado: o próprio país ou a imagem que se fazia dele. Os crimes, extermínios e assassinatos perpetrados em nome dessa falsa liberdade, dessa 'imagem' um dia aflorarão na consciência de todos. Não será o Ministro da Justiça, o sr. Buzaid, ex-integralista e ideólogo do Codi (seu visitante costumaz nos primeiros tempos) que poderá mais negar, em suas célebres notas oficiais, o que todos nós já sabemos e sentimos na carne: a existência de torturas e assassinatos políticos em nosso país. Falo isso, pois o Ministro, uma reedição contemporânea do Ministro Rassi, personagem de Stendhal na Cartuxa de Parma negou, recentemente em uma declaração pública a existência de tortura no Brasil.

A. Sra. Zuleika Angel.

Venho, por meio desta, a reafirmar e confirmar o testemunho prestado e enviados a várias auditorias e órgãos ditos fiscalizadores dos direitos da pessoa humana e que diz respeito ao destino de Stuart Edgard Angel Jones no centro de torturas e assassinatos do CISA (Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica) para onde foi levado preso.

Como é sabido, hoje em dia os órgãos de segurança já não se limitam à prática sistemática das torturas tão largamente conhecida em nosso país e no exterior. Quadros combatentes, militantes, simpatizantes, suspeitos e até mesmo pessoas inocentes de qualquer atividade política, estão hoje sujeitas à tortura e à morte nos cárceres. Tal política oficial de extermínio a nós, presos políticos, tem progredido de forma terrível e tanto mais ela é terrível, quanto vemos o cinismo com que nossos governantes desmentem as acusações que lhe são imputadas e falam de uma campanha para 'denegrir a imagem do país no exterior'. Quando a verdade nua e crua tem essa capacidade de deixar tão preocupadas nossas autoridades, no seu zelo de preservar a fachada democrática do regime, é porque algo está errado: o próprio país ou a imagem que se fazia dele. Os crimes, extermínios e assassinatos perpetrados em nome dessa falsa liberdade, dessa 'imagem' um dia aflorarão na consciência de todos. Não será o Ministro da Justiça, o sr. Buzaid, ex-integralista e ideólogo do Codi (seu visitante costumaz nos primeiros tempos) que poderá mais negar, em suas célebres notas oficiais, o que todos nós já sabemos e sentimos na carne: a existência de torturas e assassinatos políticos em nosso país. Falo isso, pois o Ministro, uma reedição contemporânea do Ministro Rassi, personagem de Stendhal na Cartuxa de Parma negou, recentemente em uma declaração pública a existência de tortura no Brasil.

Então, dentro desse quadro, todos nós que sabemos a verdade (por antigas experiências de que, uma vez presos, conhecemos), conhecemos, vemos e sentimos. Entendemos, dentro de um contexto de assassinatos políticos, de nossos companheiros. Vários deles (como Ivan Motta Dias, Walter Polari, Norberto e outros) passaram nessa época no CISA e no DOI, vivendo na PE da Rua Leão de Amparo, 19, dentro de um contexto de assassinatos, de um dia para o outro, pode tomar conhecimento e acompanhar quase que integralmente um deles, de Stuart Edgard Angel Jones, seu filho, conforme passou a narrar.

Na manhã do dia 14 de maio de 1971, após o dia de tortura, a uma região no Grajaú próximo a Av. 23 de Abril, onde teve um encontro. No interrogatório, pude descrever o horário do encontro (que teve às 10h) como sendo às 8h e não local um pouco mais afastado. Porém às 8h, quando fui no interrogatório local, (interrogatório) não pude no dia ordenar o início, devido a uma situação no momento.

Senhora, dentro desse quadro, todos nós que estamos presos (percentagem ínfima dos que, uma vez presos, sobreviveram), conhecemos, vimos e somos testemunhas, diretas ou indiretas desses assassinatos sob tortura, de nossos companheiros. Vários deles (como Ivan Mota Dias, Walter Ribeiro Novais entre outros) pereceram nessa época no Cisa e no DOI, situado na PE da Rua Barão de Mesquita. Porém, dentre todos esses assassinatos, por condições específicas, pude tomar conhecimento e acompanhar quase que integralmente um deles, de Stuart Edgard Angel Jones, seu filho, conforme passo a narrar.

Na manhã do dia 14 de maio de 1971, tinha sido levado, após dois dias de tortura, a uma região no Grajaú próxima a Av. 28 de Setembro onde teria um encontro. Nos interrogatórios pude despistar o horário do encontro (que seria às 10h) como sendo às 8h e num local um pouco mais afastado. Porém às 9h, quando já me retiravam do local, (carregado, pois não podia na época andar sozinho, devido a uma paralisia nas pernas) Stuart entrou inadvertidamente nas proximidades do cerco, sendo detectado pelo esquema militar que tinha sido montado em vários quarteirões à volta. Tinha passado de carro (um WW verde), estacionado, tendo sido reconhecido e preso pelos agentes quando passava perto de onde me encontrava, apesar do esquema e o cerco (está) estivesse se desmobilizando naquele momento. Dessa maneira, presenciei sua prisão.

Stuart, quando caiu, portava uma calça verde garrafa, camisa clara e um casaco bege. Foi colocado em um porta malas de um Opala amarelo com teto de vinil preto e levado para a Base Aérea do Galeão, onde se localiza o Cisa. Não me levaram juntamente com ele, pois passei o restante da manhã e boa parte da tarde sendo levado aos locais de outros encontros fictícios, no término dos quais retornei novamente ao 'Paraíso' (nome código do Cisa) ao entardecer, indo direto para a sala de tortura no andar térreo.

Stuart, when inadvertently near the perimeter of the area, being detected by the military scheme that had been set up in various quarters to the north. Tinha passado de carro (um WW verde), estacionado, tendo sido reconhecido e preso pelos agentes quando passava perto de onde me encontrava, apesar do esquema e o cerco (está) estivesse se desmobilizando naquele momento. Dessa maneira, presenciei sua prisão.

Stuart, quando caiu, portava uma calça verde garrafa, camisa clara e um casaco bege. Foi colocado em um porta malas de um Opala amarelo com teto de vinil preto e levado para a Base Aérea do Galeão, onde se localiza o Cisa. Não me levaram juntamente com ele, pois passei o restante da manhã e boa parte da tarde sendo levado aos locais de outros encontros fictícios, no término dos quais retornei novamente ao "Paraíso" (nome código do Cisa) ao entardecer, indo direto para a sala de tortura no andar térreo.

Na noite do dia 14 de maio, fui torturado ao lado de Stuart. Em um momento retiraram o capuz para ligar os magnetos da máquina de choque e pude vê-lo sendo espancado, depois de descer do pau de arara logo após me colocaram numa roda e no interrogatório sobre o parafuso de uma rebatadora, tendo eu sido espancado durante algum tempo com coronhadas nas costas. Cumpri bem claro a voz de Stuart que era interrogado ao lado sobre o mesmo método. As torturas continuaram durante ^{por tempo} toda a noite. Como era hábito, após uma sessão de horas de espancamentos, pau de arara, apêndices e choques elétricos, vertiam a água das celas para aumentar a sede que ocorre depois do choque. Durante esse tempo a fumaça estava totalmente nua. ^{no mesmo dia, 14 de maio} ~~no mesmo dia, 14 de maio~~ ^{antes} os interrogatórios prosseguiram com os dois e um dos da sala de tortura. ^{antes} Durante a tarde, fui durante muito tempo um grande aborrecido no pátio do Cisa, estava barulho de carros sendo ligados, ausências, gritos, perguntas e uma hora constante de engarrafamento e que pude notar que se sucedia sempre as escalonadas, sempre com muito esforço, dando a minha situação física, além pelo jeito que pisava a um dos metros do chão e me capotei com algo difícil de esquecer junto a um sem número de torturadores, opressores e delatores. Stuart foi com o pelo com espada, era amarrado de um lado para outro do pátio amarrado a uma máquina e de quando em quando, obrigado, com a boca quase colada a uma parede aborrecida, a apressar os olhos para que não se espelhasse. Essa era a causa da fome que, motivada a voz de Stuart e a dos torturadores, eu tinha sentido durante toda a tarde tendo me ante as palavras, não dos torturadores, mas para dizer praticamente ali morrer. No momento, houve um grande rubor e montaram uma operação ao pressionar onde estavam os gritos que com pegar "gente quente" etc.

Na noite do dia 14 de maio, fui torturado ao lado de Stuart. Em um momento retiraram o capuz para ligar os magnetos da máquina de choque e pude vê-lo sendo espancado, depois de descido do pau de arara. Logo após me colocaram numa roda e nos interrogaram sobre o paradeiro de uma metralhadora, tendo eu sido espancado durante algum tempo com coronhadas nas costas. Ouvia bem claro a voz de Stuart que era interrogado ao lado sobre o mesmo motivo. Os torturadores continuaram durante bom tempo. Como era hábito, após uma sessão de horas de espancamentos, pau de arara, afogamento e choques elétricos, cortavam a água das celas para aumentar a sede que ocorre depois dos choques. Durante esse tempo se fica numa cela totalmente nua.

No mesmo dia, 14 de maio, os interrogatórios prosseguiram com as indas e vindas da sala de tortura. Antes, durante a tarde, ouvi durante muito tempo um grande alvoroço no pátio do Cisa. Havia barulho de carros sendo ligados, acelerações, gritos, perguntas e uma tosse constante de engasgo e que pude notar que se sucedia sempre às acelerações. Consegui com muito esforço, devido a minha situação física, olhar pela janela que ficava a uns dois metros do chão e me deparei com algo difícil de esquecer: junto a um sem número de torturadores, oficiais e soldados, Stuart já, com a pele semi-esfolada, era arrastado de um lado para outro do pátio amarrado a uma viatura e de quando em quando, obrigado, com a boca quase colada a uma descarga aberta, a aspirar os gases tóxicos que eram expelidos. Essa era a causa da tosse que, misturada a voz de Stuart e a dos torturadores, eu tinha ouvido durante toda a tarde. Tudo isso ante as chacotas e risos dos torturadores. Essa fase durou praticamente até escurecer. Ao anoitecer, houve um grande reboiço e montaram uma operação às pressas onde diziam aos gritos que iam pegar 'gente quente' etc.

Stuart, em um momento retiraram o capuz para ligar os magnetos da máquina de choque e pude vê-lo sendo espancado, depois de descido do pau de arara. Logo após me colocaram numa roda e nos interrogaram sobre o paradeiro de uma metralhadora, tendo eu sido espancado durante algum tempo com coronhadas nas costas. Ouvia bem claro a voz de Stuart que era interrogado ao lado sobre o mesmo motivo. Os torturadores continuaram durante bom tempo. Como era hábito, após uma sessão de horas de espancamentos, pau de arara, afogamento e choques elétricos, cortavam a água das celas para aumentar a sede que ocorre depois dos choques. Durante esse tempo se fica numa cela totalmente nua.

Stuart, quando saiu, portava uma calça verde garrapa, uma camisa clara e um casaco bege. Foi colocado em um porta malas de um Opel amarelo com tete de metal preto e levado para a Base Lince de balneio, onde se localiza o Cisa. Não me lembram juntamente com ele, pois parei e voltei da manhã e foi parte da tarde onde levei ao local de outros prisioneiros. No término de quais retornou novamente ao "Paradeio" (nome código de Cisa) ao interdício, indo direto para a sala de tortura no andar Lince.

Na noite do dia 14 de maio, fui torturado ao lado de Stuart. Em um momento retiraram o capuz para ligar os magnetos da máquina de choque e pude vê-lo sendo espancado, depois de descido do pau de arara logo após me colocaram numa roda e nos interrogaram sobre o paradeiro de uma metralhadora, tendo eu sido espancado durante algum tempo com coronhadas nas costas. Ouvia bem claro a voz de Stuart que era interrogado ao lado sobre o mesmo motivo. Os torturadores continuaram durante ^{bom tempo} toda a noite. Como era hábito, após uma sessão de horas de espancamentos, pau de arara, afogamento e choques elétricos, cortavam a água das celas para aumentar a sede que ocorre depois dos choques. Durante esse tempo se fica numa cela totalmente nua.

No mesmo dia, 14 de maio, os interrogatórios prosseguiram com as indas e vindas da sala de tortura. Antes, durante a tarde, ouvi durante muito tempo um grande alvoroço no pátio do Cisa. Havia barulho de carros sendo ligados, acelerações, gritos, perguntas e uma tosse constante de engasgo e que pude notar que se sucedia sempre às acelerações. Consegui com muito esforço, devido a minha situação física, olhar pela janela que ficava a uns dois metros do chão e me deparei com algo difícil de esquecer: junto a um sem número de torturadores, oficiais e soldados, Stuart já, com a pele semi-esfolada, era arrastado de um lado para outro do pátio amarrado a uma viatura e de quando em quando, obrigado, com a boca quase colada a uma descarga aberta, a aspirar os gases tóxicos que eram expelidos. Essa era a causa da tosse que, misturada a voz de Stuart e a dos torturadores, eu tinha ouvido durante toda a tarde. Tudo isso ante as chacotas, risos dos torturadores. Essa fase durou praticamente até escurecer. Ao anoitecer, houve um grande reboiço e montaram uma operação às pressas onde diziam aos gritos que iam pegar 'gente quente' etc.

À noite, alguém foi colocado numa cela ao lado da minha. Esse alguém estava em estado precário e pude ver pelo postigo da porta se tratar de Stuart. Tossia a mesma tosse angustiante que ouvira durante toda a tarde. Distingui e reconheci-o também pela voz. Três frases dele se repetiam sempre: 'Água', 'Vou Morrer', 'Estou ficando louco'. De noite, o Cel Muniz e o Cel Alcântara entre outros, inclusive um enfermeiro, depois de passarem em todas as celas, pararam na de Stuart. Alguém lhe disse: '- Deixe de frescura Paulo, vou te dar uma injeção, você não vai morrer ainda não'. A tosse aumentou, as frases se tornaram ininteligíveis e depois cessaram por completo. De madrugada, quase ao amanhecer, houve um grande ruído de vozes, alvoroços e imprecações. Abriam a cela e retiraram de lá Stuart inerte, certamente já morto. Foi na madrugada de 14 para 15 de maio que possivelmente ele veio a falecer. Logo depois ainda captei frases soltas por parte da guarda, que mesmo na gíria própria dos torturadores, tinham um sentido inequívoco: 'Virou presunto', 'Entrou na Vanguarda Popular Celestial', 'Mais comida de peixe na Restinga'. Essa última, corrobora uma série de boatos sobre o destino de grande parte dos assassinados, que seriam transportados de helicóptero até a Restinga de Marambaia (área militar) e de lá lançados em alto mar. A partir desse dia, como tivessem aplicado nessa fase de minha tortura, pentotal (soro da verdade) e eu estivesse sob seus efeitos, (desordenação mental, pouca noção de tempo e espaço) começaram a me tirar da cela e torturar para saber 'onde estava Stuart' no intuito de me convencer que ele nunca tinha sido preso. Provavelmente devido a esse 'excesso' não me mataram na época.

Várias pessoas atestaram de forma indireta a veracidade de tudo isso que transcrevo hoje. José Roberto Gonçalves de Resende, preso na mesma época no Cisa, confirma que no entardecer do dia 13 de maio de 1971, foram comunicar em sua cela, depois de uma violenta sessão de tortura, que 'Rafael' (codinome meu) tinha caído e se achava chegando ao 'Paraíso'. Ouviu das 18h até o amanhecer do dia seguinte o barulho e os gritos por mim proferidos durante a 'sessão de estreia'.

A noite, alguém foi colocado numa cela ao lado da minha. Esse alguém estava em estado precário e pude ver pelo postigo da porta se tratar de Stuart. Tossia a mesma tosse angustiante que ouvira durante toda a tarde. Distingui e reconheci-o também pela voz. Três frases dele se repetiam sempre: "Água", "Vou morrer", "Estou ficando louco". De noite, o Cel Muniz e o Cel Alcântara entre outros, inclusive um enfermeiro, depois de passarem em todas as celas, pararam na de Stuart. Alguém lhe disse: "- Deixe de frescura Paulo, vou te dar uma injeção, você não vai morrer ainda não". A tosse aumentou, as frases se tornaram ininteligíveis e depois cessaram por completo. De madrugada, quase ao amanhecer, houve um grande ruído de vozes, alvoroços e imprecações. Abriam a cela e retiraram de lá Stuart inerte, certamente já morto. Foi na madrugada de 14 para 15 de maio que possivelmente ele veio a falecer. Logo depois, ainda captei frases soltas por parte da guarda, que mesmo na gíria própria dos torturadores, tinham um sentido inequívoco: "Virou presunto", "Entrou na Vanguarda Popular Celestial"; "Mais comida de peixe na Restinga". Essa última, corrobora uma série de boatos sobre o destino de grande parte dos assassinados, que seriam transportados de helicóptero até a Restinga de Marambaia (área militar) e de lá lançados em alto mar. A partir desse dia, como tivessem aplicado nessa fase de minha tortura, pentotal (soro da verdade) e eu estivesse sob seus efeitos, (desordenação mental, pouca noção de tempo e espaço) começaram a me tirar da cela e torturar para saber "onde estava Stuart" no intuito de me convencer que ele nunca tinha sido preso. Provavelmente devido a esse "excesso" não me mataram na época.

Várias pessoas atestaram de forma indireta a veracidade de tudo isso que transcrevo aqui. José Roberto Gonçalves de Resende, preso na mesma época no Cisa, confirma que no entardecer do dia 13 de maio de 1971, foram comunicar em sua cela, depois de uma violenta sessão de tortura, que "Rafael" (codinome meu) tinha caído e se achava chegando ao "Paraíso". Ouviu das 18h até o amanhecer do dia seguinte o barulho e os gritos por mim proferidos durante a "sessão de estreia". Ouviu também o torturador fazer chacota do meu leito em animada conversa com Alexandre Lyra e Celso na câmara, no meio a piadas e etc. Ouviu também rumores sobre a morte de Paulo. Logo depois, também, barbaumentemente torturado durante um tempo e sobretudo do fato ocorrido no interior da Boa Vista do Balção, no meio de maio. Até o varal numa cidade, Alexandre e Celso, colaboradores, trabalhando para o Cisa, confirmaram todos esses detalhes, apesar de não terem se portado com a dignidade. Alexandre inclusive, foi levado junto com Stuart já

Ouviu também os torturadores fazerem chacotas dos meus berros em animada conversa com Alexandre Lyra e Cristina Oliveira, no meio a piadas e etc. Ouviu também rumores sobre a morte de 'Paulo'. Zaqueu José Bento, também barbaramente torturado durante esse tempo é testemunha dos fatos ocorridos no interior da Base Aérea do Galeão, no mês de maio. Até o casal acima citado, Alexandre e Cristina, colaboradores, trabalhando para o Cisa, confirmaram todos esses dados, apesar de é claro, nunca se prontificarem a denunciá-los formalmente, pois para tanto lhes falta um mínimo de dignidade. Alexandre inclusive, foi levado junto com Stuart já totalmente estropiado a um encontro no Meier, com o feito de reconhecer as pessoas que presumivelmente lá iriam. Reconhece isso e há pessoas que o viram nesse local. E isso confirma a pausa que eu notei durante a tarde da tortura no pátio e o reboliço da montagem da operação.

São muitos os assassinos responsáveis direta ou indiretamente pela morte de Stuart e outros no CISA na Base Aérea do Galeão. Os Brigadeiros Burnier e Carlos Afonso Dellamora, o 1º chefe da Zona Aérea e o 2º cmtc do Cisa, foram, diversas vezes a Base Aérea e participaram dos interrogatórios, partindo deles, em última instância, a orientação do assassinato. O Cel Muniz por exemplo, disse na minha presença que durante esses dias ia pessoalmente à casa do Ministro prestar-lhe informes sobre o andamento dos interrogatórios. Participaram de minha tortura e da de Stuart, conjunta e isoladamente, as seguintes pessoas, fora outras que não conheço pelo nome e são seus algozes, torturadores e assassinos: BRIGADEIRO BURNIER, BRIGADEIRO C. AFONSO DELLAMORA (DO CISA), TEN. CEL MUNIZ (DO CISA) conhecido como 'DR. LUIZ', TEN. CEL ABILIO ALCÂNTARA (DO CISA) conhecido como 'DR. PASCOAL', CAP LUCIO BARROSO (DO CISA) conhecido como 'DR. CELSO', MAJ PAIVA (DO CISA) conhecido como 'DR. PEDRO PAULO', CAP ALFREDO POECK (DO CENIMAR) conhecido como 'MIKE' ou 'DR. ROBERTO', MARIO BORGES (DO DOPS) conhecido como 'CEL BOB', JAIR GONÇALVES DA MOTA (DO DOPS, EX GUARDA FERROVIÁRIO, INFORMANTE E CHEFE DO Setor de Captura) conhecido como 'Capitão', informante da polícia de apelido 'MARRECO' e APJ EDUARDO (DO DOPS) conhecido como 'Norminha' e outros que por não ter certeza não irei nominar, mas os reconheceria.

Totalmente estropeado à um encontro no Meier, com o feito de reconhecer as pessoas que presumivelmente lá iriam. Reconhece isso e há pessoas que o viram nesse local. E isso confirma a pausa que eu notei durante a tarde da tortura no pátio e o reboliço da montagem da operação.

São muitos os assassinos responsáveis direta ou indiretamente pela morte de Stuart e outros no CISA na Base Aérea do Galeão. Os Brigadeiros Burnier e Carlos Afonso Dellamora, o 1º chefe da Zona Aérea e o 2º cmtc do Cisa, foram, diversas vezes a Base Aérea e participaram dos interrogatórios, partindo deles, em última instância, a orientação do assassinato. O Cel Muniz por exemplo, disse na minha presença que durante esses dias ia pessoalmente à casa do Ministro prestar-lhe informes sobre o andamento dos interrogatórios. Participaram de minha tortura e da de Stuart, conjunta e isoladamente, as seguintes pessoas, fora outras que não conheço pelo nome e são seus algozes, torturadores e assassinos: BRIGADEIRO BURNIER, BRIGADEIRO C. AFONSO DELLAMORA (DO CISA); TEN. CEL MUNIZ (DO CISA) conhecido como 'DR. LUIZ'; TEN. CEL ABILIO ALCÂNTARA (DO CISA) conhecido como 'DR. PASCOAL'; CAP LUCIO BARROSO (DO CISA) conhecido como 'DR. CELSO'; MAJ PAIVA (DO CISA) conhecido como 'DR. PEDRO PAULO'; CAP ALFREDO POECK (DO CENIMAR) conhecido como 'MIKE' ou 'DR. ROBERTO'; MARIO BORGES (DO DOPS) conhecido como 'CEL BOB'; JAIR GONÇALVES DA MOTA (DO DOPS, EX GUARDA FERROVIÁRIO, INFORMANTE E CHEFE DO Setor de Captura) conhecido como 'Capitão'; informante da polícia de apelido 'MARRECO' e APJ EDUARDO (DO DOPS) conhecido como 'Norminha' e outros que por não ter certeza não irei nominar, mas os reconheceria.

Durante o mês de setembro, outubro, fui requisitado do Dops onde me encontrava detido e novamente levado ao DOI para novas torturas (essa feita na "boladureira" sala subterrânea a forte contraste de temperatura e com de alta frequência, onde se fica vários dias sem comer nem beber). Dessa feita, o Major Texeira conhecido como DE BRUNO, o CAP Friedman conhecido como NAGIB, o Ten Hughes e outros me ameaçaram de morte, "fogo pítico" e suplicar em minha companhia José Navarro de Abreu, que tinha sido preso um pouco antes, pedindo garantias de vida na 2ª Auditoria de Aeronáutica onde se processado na época e por isso não dominar minha que possível.

Minha senhora, sei s' para mim um assunto doloroso e eu que devo ver ainda mais pra ora. Não me s' fácil descrever as coisas de forma tão viva, mesmo sabendo que com isso estarei destruindo alguma esperança que por mais viva, que

Durante os meses de setembro e outubro, fui sequestrado do Dops onde me encontrava detido e novamente levado ao DOI para novas torturas (dessa feita na 'Geladeira' cela submetida a fortes contrastes de temperatura e sons de alta frequência, onde se fica vários dias sem comer nem beber). Dessa feita, o Major Teixeira conhecido como DR. BRUNO, o CAP Friedman conhecido como NAGIB, o Ten. Hughes e outros me ameaçaram de morte, 'fuga fictícia' e represálias em minha companheira Lúcia Mauricio de Alverga, que tinha sido presa um pouco antes. Pedi garantias de vida na 2ª Auditoria da Aeronáutica onde era processado na época e persisti nas denúncias sempre que possível.

Minha senhora, esse é para mim um assunto doloroso e sei que deverá ser ainda mais pra sra. Não me é fácil descrever as coisas de forma tão crua, mesmo sabendo que com isso estarei destruindo algumas esperanças que por mais irreais que possam ser, sempre permanecerão em uma mãe aflita pelo desaparecimento de um ente tão querido. Tanto mais que nesse caso, tenho uma ligação e um envolvimento emocional específico, desde que, mesmo tendo ocorrido uma grande coincidência, a morte de seu filho me diz respeito também.

Haverá, creio eu, um dia em que essas coisas se mostrarão ao nosso país, serão postas a limpo, que os responsáveis serão punidos. Que ficará claro o que se passara nos bastidores, enquanto a propaganda oficial se esforçava em mostrar o clima 'de paz e prosperidade' que vivíamos. Esses crimes, que continua a serem perpetrados e que estão na casa das centenas, virão inevitavelmente à tona. Serão cobrados. Ficaré límpido para todos o que se passa nos fundos dos quartéis e nos aparelhos alugados pela repressão para a tortura. Ficaré límpido o terrorismo arbitrio policial ao qual estamos submetidos, terrorismo esse que não vacila diante dos sequestros, torturas e assassinatos, que não respeita nenhum dos direitos fundamentais da pessoa humana, apesar de falar com grandeloquência deles.

peram ser, sempre permanecerão em uma mãe aflita pelo desaparecimento de um ente tão querido. Tanto mais que nesse caso, tenho uma ligação e um envolvimento emocional específico, desde que, mesmo tendo ocorrido uma grande coincidência, a morte de seu filho me diz respeito também.

Terá, creio eu, um dia em que essas coisas se mostrarão ao nosso país, serão postas a limpo, que os responsáveis serão punidos. Que ficará claro o que se passara nos bastidores, enquanto a propaganda oficial se esforçava em mostrar o clima "de paz e prosperidade" que vivíamos. Esses crimes, que continua a serem perpetrados e que estão na casa das centenas, virão inevitavelmente à tona. Serão cobrados. Ficaré límpido para todos o que se passa no fundo do quartel, e nos aparelhos alugados pela repressão para a tortura. Ficaré límpido o terrorismo e arbitrio policial ao qual estamos submetidos, terrorismo esse que não vacila diante dos sequestros, torturas e assassinatos, que não respeita nenhum dos direitos fundamentais da pessoa humana, apesar de falar com grandiloquência deles.

Terá, enquanto não chegar o tempo de cobrar esses crimes, enquanto a notícia deles não se propagam além das fronteiras, os órgãos oficiais, se resta permanecer na tentativa de denúncia contra os abusos insustentáveis. Como a via, muitas mães, filhos, irmãos, parentes e companheiros vivem o mesmo drama do "desaparecimento" de seus seres mais queridos, sumidos por detrás das portas e das grades de ferro. Quando essas portas se abrem para a verdade? Quando as negativas oficiais de nossas autoridades, a realidade claramente a todos, aquilo que sempre foram para nós; - uma inocência multiplicada, um terrível embuste, uma falta de respeito e uma crueldade silenciosa com os sentimentos e o sofrimento dos parentes de nossos mártires? No dizer do grande pensador alemão Ernst Bloch, as mortes sempre retornam. Transformada e iluminada em vida, a Flutuação que seus mortos fizeram e testemunharam, ganha um novo significado, uma nova função, e os seus corpos não se perdem, são regenerados pela "Revolução e pelo Liberalismo". Enquanto minha senhora, por mais que não seja um "cordeiro" muito frágil e não recorra à mãe de seu filho, nota a companhia de que todo vivo tem um sentido, vive por isso um profundo amor dia a dia. "Construiremos um dia um futuro melhor e partir de lá as coisas."

Tem-me a lembrança também, esse final de uma carta tão amarga; as palavras escritas por Gudrun Kuchhoff a

Senhora, enquanto não chegar o tempo de cobrar esses crimes, enquanto a notícia deles não se propagam além das burocracias oficiais e dos órgãos coniventes, só resta perseverar na tentativa de denúncia contra esses abusos inomináveis. Como a sra, muitas mães, filhos, irmãos, parentes e companheiros vivem o mesmo drama do 'desaparecimento' de seus seres mais queridos, sumidos por detrás das portas e das grades de ferro. Quando essas portas se abrirão para a verdade? Quando as negativas oficiais de nossas autoridades se revelarão claramente a todos, naquilo que sempre foram para nós: - uma incrível mistificação, um terrível embustre, uma falta de respeito e uma brincadeira sádica com os sentimentos e os sofrimentos dos parentes de nossos mártires? No dizer do grande pensador alemão Ernst Block, os mortos sempre retornam. Transformada e iluminada em lenda, a História que esses mortos fizeram e testemunharam, ganha um novo significado, uma nova função, os sacrifícios não se perdem, são regenerados pela 'Revolução e pelo Apocalipse'. Portanto minha senhora, por mais que isso seja um consolo muito frágil e não restitua a vida de seu filho, resta a confiança de que tudo isso tem um sentido, será por nós compreendido um dia. Construiremos um dia um futuro melhor a partir dessas lições.

Vem-me à lembrança também, nesse final de uma carta tão amarga, as palavras escritas por Adam Kuchhoff a 5 de Agosto de 1943 na espera de ser executado no campo de [Lehrtiattrasse]. Numa carta que lhe foi permitida escrever pela Gestapo (curiosamente o outro nome código do CISA ou 'Paraíso' era 'Nova Gestapo'), ele escreveu o seguinte poema para seu filho:

Para Ulle,
 meu filho amado, minha grande e derradeira alegria,
 Eu te deixo e te abandono, sem pai,
 Não! Todo um povo - não, isso não é suficiente
 a humanidade inteira te servirá como pai.

peram ser, sempre permanecerão em uma mão aberta pelo desaparecimento de um ente tão querido. Tanto mais que meu caso, tenho uma liquação e um sentimento emocional específico, momentos desde que, mesmo tendo vivido uma grande convulsão, a morte de seu filho me diz respeito também.

Senhora, não eu, um dia em que essas coisas se mostrarão ao nosso país, serão portas a limpo, que o responsável não pender, que ficará claro o que se passava no bastidores, enquanto a propaganda oficial se esforçava em mostrar o clima "de paz e prosperidade" que vivamos. Esses viveres, que continham a serem perseguidos e que estão na casa das ventosas, não mantiveram a terna, serão cobrados. Ficarei limpo para todos o que se passa no fundo do quarto e nos espelhos alugados pela repressão para a tortura. Ficarei limpo o terrorismo e arbitrio policial ao qual estamos submetidos, terrorismo que não recua diante dos rigores, torturas e assassinatos, que não respeita nenhum dos direitos fundamentais da pessoa humana, apesar de falar em grandiloquência dele.

Senhora, enquanto não chegar o tempo de cobrar esses crimes, enquanto a notícia deles não se propagam além das burocracias oficiais e dos órgãos coniventes, só resta perseverar na tentativa de denúncia contra esses abusos inomináveis. Como a sra, muitas mães, filhos, irmãos, parentes e companheiros vivem o mesmo drama do 'desaparecimento' de seus seres mais queridos, sumidos por detrás das portas e das grades de ferro. Quando essas portas se abrirão para a verdade? Quando as negativas oficiais de nossas autoridades se revelarão claramente a todos, naquilo que sempre foram para nós: - uma incrível mistificação, um terrível embustre, uma falta de respeito e uma brincadeira sádica com os sentimentos e os sofrimentos dos parentes de nossos mártires? No dizer do grande pensador alemão Ernst Block, os mortos sempre retornam. Transformada e iluminada em lenda, a História que esses mortos fizeram e testemunharam, ganha um novo significado, uma nova função, os sacrifícios não se perdem, são regenerados pela 'Revolução e pelo Apocalipse'. Portanto minha senhora, por mais que isso seja um consolo muito frágil e não restitua a vida de seu filho, resta a confiança de que tudo isso tem um sentido, será por nós compreendido um dia. Construiremos um dia um futuro melhor a partir dessas lições.

Vem-me à lembrança também, nesse final de uma carta tão amarga, as palavras escritas por Adam Kuchhoff a

Porque a recíproca seria menos verdadeira e a senhora sabendo por quem seu filho lutou não adotaria essa mesma e única humanidade, os oprimidos, por quem ele caiu?

A senhora tem direito de esperar, de ter esperança, de exigir que seu filho seja restituído, apesar de tudo indicar que ele foi assassinado. Não pouparei esforços nesse sentido, no que pese as pressões, ameaças de morte e represália que sistematicamente me vem sendo feitas para que eu esqueça o caso. Estou ao seu inteiro dispor para ajudá-la a, se não restituir a vida de seu filho, pelo menos tornar as coisas claras e exigir punição para seus responsáveis. Estou pronto a assumir e reafirmar essas declarações, com maiores detalhes a qualquer momento, onde e quando isso for possível.

Minha senhora, os mortos sempre retornam. A lembrança sempre presente deles tornará viável um dia nossos testemunhos sobre eles.

Com os votos de mais profunda estima e solidariedade com sua dor

Alex Polari de Alverga

em 23 de maio de 1972."



a 5 de agosto de 1943 na espera de ser encastado no campo de desvitalização. Quis uma carta que ele por permitida escrever pelo Gestapo (curiosamente o outro nome código do CISA ou "Paraiso" era "Nova Gestapo"), e escrevi o seguinte poema para seu filho:

Para Ueli,
meu filho amado, minha grande e devotada alegria,
Eu te disse e te abandono, sem pai,
Não! Todo um povo - não, uso não e' suficiente
a humanidade inteira te reconhecera como pai.

Porque a recíproca seria menos verdadeira e a senhora sabendo por quem seu filho lutou não adotaria essa mesma e única humanidade, o oprimido, por quem ele caiu?

A senhora tem direito de esperar, de ter esperança, de exigir que seu filho seja restituído, apesar de tudo indicar que ele foi assassinado. Não pouparei esforços nesse sentido, no que pese as pressões, ameaças de morte e represália que sistematicamente me vem sendo feitas para que eu esqueça o caso. Estou ao seu inteiro dispor para ajudá-la a, se não restituir a vida de seu filho, pelo menos tornar as coisas claras e exigir punição para seus responsáveis. Estou pronto a assumir e reafirmar essas declarações, com maiores detalhes a qualquer momento, onde e quando isso for possível.

Minha senhora, os mortos sempre retornam. A lembrança sempre presente deles tornará viável um dia nossos testemunhos sobre eles.

Com os votos de mais profunda estima
e solidariedade com sua dor

Alex Polari de Alverga

ALEX POLARI DE ALVERGA

em 23 de maio de 1972.

ATO II

BUSCA DE ZUZU POR STUART

Maio 1971 – Abril 1976



Acompanhamos agora a trajetória de luta de Zuzu Angel na busca por informações sobre seu filho Stuart e a constante denúncia que conduziu ao longo de sua vida contra o regime militar.

Por ser uma estilista renomada internacionalmente e ser casada com um cidadão estadunidense, Zuzu se utilizou do acesso que tinha para escrever cartas para pessoas famosas e autoridades estrangeiras com o objetivo de chamar atenção para a violência praticada pelo regime militar brasileiro e, especialmente, para o desaparecimento de seu filho.

A atuação de Zuzu é representada pela leitura dos manuscritos entregues por ela a Mary Clark, esposa de um general norte-americano. A linguagem adotada no primeiro ato é mantida, com voz off, entrada das fotografias do inquérito em *fade in* lento e saída em corte seco.

Duas cartelas apresentam o tema: “Em 1971, ano do desaparecimento de Stuart, Zuzu Angel já denunciava o governo militar por meio de cartas entregues a autoridades estrangeiras.”. Na segunda cartela: “Em 1975, algumas das cartas e manuscritos foram entregues a Mary Clark, esposa de um general norte-americano, em visita ao Brasil”.

Mais três fotografias do inquérito de sua morte são reveladas enquanto trechos da carta são lidos em off: a autoestrada Lagoa-Barra vazia na altura em que o carro capotou, na mesma noite do assassinato; e o mesmo local visto de dia, primeira pela pista da esquerda e depois pelo canteiro central. Na foto noturna, vemos os postes de luz acesos em sequência, a placa com o letreiro "KAIC" e alguns vultos de pessoas. Já nas duas fotografias diurnas, vemos a Pedra da Gávea ao fundo e as poucas construções que existiam ao longo da pista.

Enquanto as imagens aparecem, as palavras dos manuscritos são lidas em off por Hildegard Angel. As palavras lidas transparecem a angústia por que passava Zuzu e evidenciam a perseguição e a intensa ameaça que vinha recebendo por parte do Estado ditatorial brasileiro. Após a leitura, chega ao fim o segundo ato. Segue a íntegra do texto dos manuscritos:

"Rio, 06 de maio de 1975.

Dona Mary,

Meu nome é Zuleika Angel Jones, sou uma desenhista de moda brasileira (Zuzu Angel); meu marido Norman Jones é um cidadão americano.

Eu me especializo na moda brasileira, usando nossos temas e inspirada na natureza do meu lindo País. Meus desenhos já foram apresentados em Bergdorf Goodman, Neuman Marcus, Lord and Taylor, I Magnin, Marshal FIELD, etc. Gostaria muito de recebe-la em minha loja no Leblon onde estou todas as tardes após as quatro, menos sábados quando estou lá pela manhã.

O lenço é um presente do meu filho, um anjo, chamado Stuart Jones, apelidado Tutti.

Estou anexando alguns documentos muito importantes, que peço sejam entregues a seu marido, General Mark Clark.

Esperando notícias suas,

Zuzu Angel"

“Com referência a quaisquer informações na carta de ALEX que possam parecer confusas a explicação é dada pelo fato do mesmo se encontrar após os acontecimentos ali narrados sob o efeito de pentotal, uma droga que segundo ele faz com que as pessoas percam a noção de tempo e espaço. Quando ele descreve o que aconteceu a STUART no ‘pátio’ ele escreve antes ‘no dia seguinte, 15 de maio’ depois riscou e escreveu ‘no mesmo dia 14 de maio’.

Se acompanharmos seu raciocínio perceberemos que a data correta seria a primeira, 15 de maio.

Agora vou explicar como e quando a carta (de ALEX) me chegou às mãos.

Em setembro de 1971 organizei um desfile de modas em Nova Iorque. Na oportunidade denunciei o que já sabia a respeito de meu filho, que já havia sido preso em maio, torturado e provavelmente assassinado pelo governo militar brasileiro.

A história foi publicada em muitos jornais por todo o mundo, mas não no Brasil. Certa forma acho que ficaram com medo quando souberam da reação dos parentes de Stuart nos Estados Unidos e também por eu ser muito conhecida na América como desenhista de modas, tendo amigos como JOAN CRAWFORD e outras pessoas importantes. Após isso, por volta de outubro, os militares espalharam cinicamente por todo o País cartazes de meu filho com o rótulo ‘PROCURADO’. Estes cartazes eram encontrados em toda a parte: - nos aeroportos, estações, etc... As pessoas costumavam escrever no retrato de meu filho ‘já foi assassinado’, ‘morto’, etc... Uma vez uma atriz de cinema muito famosa conhecida como Elke Maravilha viu um desses cartazes no Aeroporto Santos Dumont onde estava esperando um avião para ir para São Paulo tomar parte num programa de televisão. Ela ficou furiosa e rasgou um dos cartazes gritando ‘covardes, vocês já o assassinaram, como ousam etc...’ Foi imediatamente presa e levamos uma semana para soltá-la.

Quando voltei para o Brasil, por volta de novembro/71, eles mandaram diversas pessoas a minha casa, onde eu trabalhava na época, sob o pretexto de estarem interessados em meus vestidos. Essas pessoas sempre falavam a respeito de meu filho e como minha atitude era muito receptiva, procuravam convencer-me que tudo não passava de uma grande mentira, que meu filho estava vivo fora do País. Um desses visitantes foi a senhora Lidia Tedesco, esposa do Brigadeiro do Ar Tedesco que veio uma vez a minha casa e falou muito, dizendo entre outras coisas: 'sim, um rapaz foi torturado, amarrado a um jipe e arrastado nas dependências do CISA - Galeão, e quando terminaram ele já estava morto, mas não era seu filho. (nós temos essa conversa gravada).

A esta altura minha mente ainda procurava resistir à cruel ideia de que meu filho estava morto. Uma esperança louca se instalou no meu coração e eu me recusava a acreditar que meu próprio filho passara por tão terrível sofrimento.

Todos nós somos criados com a ideia de associar a morte com cadáver, funeral, etc... e acho que por não ter visto meu filho morto minha mente se recusava a aceita-lo.

Naturalmente falava muito a respeito com amigos, parentes e advogados, implorando praticamente que me dissessem que meu filho estava vivo. Cheguei mesmo a telefonar para minha filha em Nova Iorque para lhe dizer de minhas pobres grandes esperanças, e me lembro que ela nada disse do outro lado da linha. As pessoas eram bondosas, não tendo coragem de me dizer que eu acabaria louca alimentando tais fantasias.

Nesta época, Alex estava sendo levado às Auditorias diante dos tribunais militares, e insistia para contar a história do assassinato de Stuart. Ali ele ouviu falar a respeito de minhas dúvidas e resolveu escrever-me a carta anexa, que entregou a sua mãe há quase três anos. Esta guardou a carta durante todo este tempo sem a mostrar a ninguém por motivos óbvios.

Eu própria sabia da existência da carta, mas nunca tive a coragem de procurar obtê-la, era covarde demais para lê-la. Mas a cerca de duas semanas após as perguntas de (nome obliterado) achei que estava na hora de tomar coragem e pedi a carta a mãe de Alex, sendo a mesma entregue a 27 de março, e eu a li!

A vinte e oito de março - data da crucificação - pedi a Deus que me ajudasse dando-me forças e tranquilidade para traduzir esta carta. Fiquei em casa por três dias, só, trabalhando na tradução. Parei muitas vezes para pensar, temendo que não conseguiria fazê-lo, mas na noite de domingo terminei a carta (30 de março de 1975).

Sinto-me aliviada e em paz.

Zuleika Angel Jones
Rio de Janeiro, 31 de março de 1975"



ATO III

ASSASSINATO DE ZUZU ANGEL

14 de Abril de 1976



Uma cartela inicia o terceiro ato com o seguinte texto: “Na madrugada do dia 14 de abril de 1976, ao voltar para casa após um jantar, Zuzu Angel morreu em um acidente forjado pelos militares na Estrada Lagoa-Barra”.

O campo sonoro, antes ocupado pela leitura de cartas, agora se preenche apenas com o silêncio. Duas fotografias do local do assassinato e do carro amassado de Zuzu são lentamente reveladas. A escolha pela ausência de som faz com que todas as atenções do espectador se voltem para o campo visual. A seriedade do atentado, e da ditadura em si, se fazem sentir com cada vez mais intensidade enquanto as imagens tomam forma.

A segunda fotografia do carro de Zuzu capotado sai de tela em corte seco. Uma cartela com o texto do bilhete escrito pela estilista em abril de 1975 e enviado a alguns amigos, como Chico Buarque, entra em cena.

Segundo Hildegard Angel, só Chico guardou o bilhete. Zuzu tinha um relação de amizade com o cantor e via nele semelhanças com o filho Stuart. Em live transmitida pelo canal TV 247 em 2021, Chico Buarque disse que era comum Zuzu visitar sua casa, deixar papéis com ele, e ambos passarem horas conversando sobre sua luta. Zuzu na época falava ao cantor que recebia telefonemas a noite com ameaças de morte vindas de vozes conhecidas e não se calava.

Ao saber da morte da amiga, Chico Buarque lembrou do bilhete que havia sido escrito um ano antes por Zuzu e entrou em contato com Zuenir Ventura, jornalista de renome que poderia ajudar a espalhar o texto. Segundo o cantor, apesar de muitas cópias deste bilhete terem sido enviadas na época junto com uma carta de Zuenir a pessoas conhecidas e políticos, os destinatários nada fizeram para tornar público o texto ou pressionar por investigações.

Diz o texto do bilhete:

"Há dias recebi o documento descrevendo com pormenores as torturas e o assassinato de que foi vítima meu filho Stuart Angel Jones pelo governo militar brasileiro. Se algo vier a acontecer comigo, se eu aparecer morta por acidente, assalto ou outro qualquer meio, terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho".

Uma cartela apresenta o bilhete acompanhada por efeito sonoro de tensão. As últimas palavras se repetem: "dos mesmos assassinos do meu amado filho". Este trecho é apresentado intercaladamente com três fotografias do inquérito de 1976. A sequência, portanto, se organiza da seguinte maneira: uma cartela com as palavras em caixa alta "DOS MESMOS" seguida por fotografia noturna da autoestrada Lagoa-Barra vazia; segunda cartela com as palavras em caixa alta "ASSASSINOS" seguida por fotografia do carro capotado visto de cima; última cartela com as palavras em caixa alta "DO MEU AMADO FILHO" seguida por fotografia frontal do carro com as rodas para cima. Após corte seco no final da última fotografia, entra tela preta e efeito sonoro de batida.

Ao final, a foto entregue pelo ex-delegado do DOPS à Comissão Nacional da Verdade, em que o então major Freddie Perdigão aparece em frente ao carro de Zuzu Angel logo após o atentado, vai sendo revelada lentamente a partir da figura de Freddie. Depois de um tempo em tela, letreiros com os seguintes textos aparecem na fotografia: “Em 2014 esta foto foi entregue à Comissão Nacional da Verdade. Freddie Perdigão Pereira, agente da repressão ligado à Casa da Morte de Petrópolis, aparece na cena do crime. A foto não consta no inquérito de 1976. Em 2019, Hildegard Angel, filha de Zuzu, recebe a certidão de óbito de sua mãe. Nela, Zuzu Angel é oficialmente reconhecida como vítima de morte ‘não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro’”.

A imagem do major é mais um dos elementos que servem como comprovação do envolvimento direto da repressão na morte de Zuzu Angel. Quando a fotografia foi entregue à Comissão Nacional da Verdade, Claudio Guerra afirmou que Freddie lhe dissera na época estar preocupado de ter sido fotografado na cena do crime.

Trazer essa fotografia para a montagem do filme visa contradizer a versão de acidente automobilístico que por muito tempo foi mantida e trazer questionamentos sobre a narrativa dita “oficial” dos documentos produzidos pela ditadura. Um documento mostra partes do passado, revela e esconde ao mesmo tempo. É preciso contextualizá-lo em relação ao momento em que foi produzido. O inquérito da morte de Zuzu Angel foi produzido durante a ditadura militar, por forças do próprio regime, que indicaram e reuniram “provas” que julgaram suficientes para concluir que a fatalidade de seu destino fora resultado do acaso. Nada mais conveniente.

PARTE II

Aqui o filme mostra a luta da família de Zuzu Angel pela responsabilização do Estado pela morte da estilista. Em tela preta ouve-se em off um jogral: diferentes vozes de pessoas anônimas colocam em xeque a versão de acidente para a morte de Zuzu. As vozes se sucedem e se superpõem. As vozes surgem em momentos diferentes e se somam. Essa multiplicidade de vozes representa não só a luta da família da estilista, mas também a luta de toda uma sociedade. Todas vozes são interrompidas de forma abrupta, em corte seco. Será uma tentativa da montagem de assinalar a censura que por muito tempo foi praticada em relação ao assunto.

As vozes lerão trechos de documentos que põe fim à versão de acidente. São depoimentos com frases de testemunhos do assassinato, perícias realizadas na década de 1990 e depoimentos da Comissão Nacional da Verdade de 2014. Dizem as vozes:

"Declaro para os devidos fins de prova junto à Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça que presenciei em 1976, fato que levou a morte de Zuzu Angel. Efetivamente na noite de 14 de abril de 1976 eu trafegava pela Estrada Lagoa-Barra da Tijuca quando presenciei dois veículos abalroarem o Karman Guia Azul de uma pessoa que logo depois, na manhã seguinte, vim constatar ser a estilista Zuzu Angel. Durante muitos anos mantive esse depoimento apenas na órbita de meus amigos, uma vez que não havia possibilidade de se recuperar esse período tenebroso e dramático da vida brasileira. Entretanto com a revisão histórica e jurídica que vem sendo feito sobre esse período, sinto-me no dever moral de como brasileiro dar o meu testemunho sobre a morte de Zuzu Angel que por razões involuntárias orquestradas pelo próprio destino humano acabei presenciando". (Carlos Machado Medeiros, testemunha, 1997)

"Em abril de 1976 eu residia no Rio de Janeiro mais precisamente no Edifício Tiberius, à época um dos raros edifícios construídos em São Conrado. Localizado logo depois da saída do túnel que ligava a PUC (onde à época eu estudava) à Barra da Tijuca, vizinho a um posto de gasolina, pela falta de outras construções na região tínhamos visão espetacular a partir daquele apartamento, tanto para o mar como para os lados.

Pois bem; num dia de semana (era raro o movimento de carros na região) estávamos eu e alguns amigos (entre os quais o atual Secretário de Planejamento do Estado de Alagoas, Dr. Josafá Williams e o Diretor dos Diários Associados aqui na Paraíba, Dr. Neno Rabello) conversando madrugada adentro, matando saudades aqui da Paraíba, eis que todos éramos estudantes no Rio de Janeiro. De quando em vez um carro cruzava o túnel e ouvíamos seu barulho, para logo depois identificar seus faróis. Um desses carros, logo depois da saída daquele túnel no sentido PUC/ Barra, produziu um barulho diferente, e nos chamou a atenção porque não completou o percurso obrigatório, que o fazia passar sob nossa janela. Evidentemente que algo acontecera dado o barulho que ouvimos a seguir. Imediatamente descemos do apartamento e corremos ao local. Este percurso não durou mais de três minutos, tanto pela proximidade dos locais como também porque não havia qualquer tráfego a nos impedir o deslocamento.

No entanto, ao chegarmos ao local, inexplicavelmente havia quase uma dúzia de carros oficiais, a maioria carros de polícia, creio mesmo que um veículo da imprensa. Não era normal. Aliás era impossível que tantos carros pudessem estar parados para prestar socorro. Afinal, se não me engano no veículo sinistrado, tratava-se de um Karmam Ghia azul que despencara da pista para alguns metros abaixo, em direção a Rocinha, e a menos que todo aquele aparato de veículos já estivesse antes do " acidente", é lógico que seria impossível chegarem ao local do sinistro com tanta presteza.

Há um outro detalhe. Não nos deixaram chegar próximo ao veículo; fomos mantidos à distância e como não podíamos prestar qualquer auxílio, retornamos para o nosso apartamento. Dias depois conseguimos ligar os fatos e desde então jamais deixamos de ter certeza de que todo o acidente foi forjado. Ao longo do tempo venho denunciando esse fato. À época procurei o então Deputado Federal Marcondes Gadelha (hoje Secretário de Agricultura aqui na Paraíba) que era do MDB autêntico.

Outras autoridades que pude contactar como o Ex-Governador Antonio Mariz igualmente mostraram interesse pelo caso. Mas somente agora, através do Dr. Nascimento e Silva, tenho enfim condições de lhe dizer o que vimos. E seja para o que for, estaremos sempre na disposição de testemunhar acerca deste fatos, inclusive perante a Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça, por se tratar de mais um claro e triste momento de tempos que não queremos voltem a correr a Nação." (Marcos Pires, testemunha, 1997).

"Para o novo parecer, a evidência segura de que Zuzu Angel não estava adormecida no momento da colisão encontra-se na observação de uma outra lesão, a fratura do perônio direito, "típica de compressão transmitida pelo pedal de freio no momento do impacto". (Perícia feita por Valdir Florenzo e Ventura Raphael Martello Filho a pedido da Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, 1998).

O envolvimento direto de agentes da repressão na morte de Zuzu Angel foi confirmado à CNV pelo ex delegado do DOPS/ES, Cláudio Antônio Guerra. Ele apontou o então major Freddie Perdigão Pereira, lotado na agência Rio de Janeiro do SNI, como o responsável pelo atentado que matou a estilista. Guerra, que trabalhou em várias ações clandestinas sob o comando de Perdigão, confidenciou ter ficado preocupado, pois havia sido fotografado na cena do crime.” (Relatório CNV, vol. 1, p. 658, 2014).

Ao final do jogral de vozes, ouve-se em off a voz de Hildegard Angel. Ela lê a alteração da causa mortis de sua mãe, conquista alcançada em 2019: “causa mortis: em razão de morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro, no contexto da perseguição sistemática e generalizada à população identificada como opositora política ao regime ditatorial de 1964 a 1985”.

Na sequência, vê-se em close detalhes de vários documentos, como: o processo aberto por Hildegard Beatriz Angel Bogossian, em 1998, endereçado à Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos requerendo indenização pela morte de sua mãe; os depoimentos de Claudio Guerra dados à Comissão Nacional da Verdade sobre o caso; e a certidão de óbito emitida em 2019 com a *causa mortis* corrigida, responsabilizando o Estado. A câmera percorre o texto dos documentos enquanto em off uma voz narra o processo de desconstrução da tese de acidente de Zuzu Angel.

PARTE III

Aqui o filme começa a refazer a trajetória de Zuzu Angel, desde seu nascimento até o fim de sua vida. Isso vai trazer para a tela a relação entre passado e presente. Uma câmera na mão filma a cidade onde Zuzu nasceu, o bairro onde morou no Rio de Janeiro, seu ateliê e os lugares que frequentava. Na montagem, fotogramas serão retirados para que o material filmado apareça em *stopmotion*, como uma sequência de fotos que, juntas, dão a sensação de movimento.

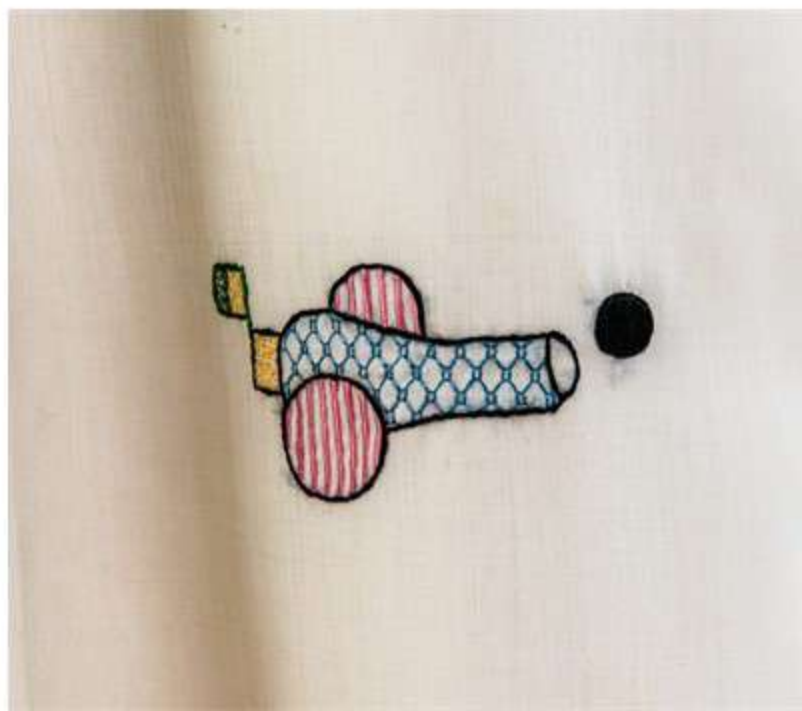
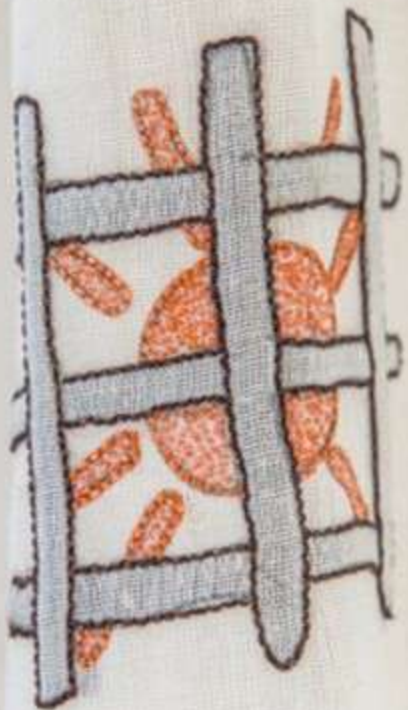
Enquanto vemos as imagens, ouvimos em off histórias de afeto trazidas por amigos e familiares, como Hildegard Angel e Chico Buarque. Eles trazem a memória de uma Zuzu que viveu antes da tragédia. Aqui a montagem traz imagens de família. Ao final da sequência segue uma tela preta.

PARTE III

O foco agora se concentra no que aconteceu após o desaparecimento de Stuart. A câmera percorre a avenida 28 de Setembro, em Vila Isabel, onde provavelmente Stuart foi preso, segue para a Base Aérea do Galeão, onde foi torturado, passa pelo túnel Zuzu Angel e termina na autoestrada Lagoa-Barra, onde Zuzu foi assassinada. Os dois últimos locais serão filmados da perspectiva de quem está dentro de um carro, para reproduzir o trajeto percorrido pela estilista na madrugada em que sua vida teve fim.

A filmagem deste lugares estabelece relações entre passado e presente. Um bom exemplo é o antigo túnel Dois Irmãos, que desde 1998 se chama túnel Zuzu Angel. Quem passa por ele hoje carrega consigo um pouco da história.

Ao fim, na tela preta entra devagar uma canção feita por Chico em homenagem a Zuzu. "Angélica" conta a história de uma mãe que passou a vida em busca do filho desaparecido. A música será reproduzida na íntegra, mesmo após o fim da ficha técnica.



Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar
Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento
Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar
Quem é essa mulher
Que canta sempre o mesmo arranjo
Só queria agasalhar meu anjo
E deixar seu corpo descansar
Quem é essa mulher
Que canta como dobra um sino
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar

Música: Angélica

Compositores: Francisco Buarque De Hollanda / Milton Filho / Milton Lima Dos Santos Filho

© Warner Chappell Music, Inc







PARE

Av. Niemeyer

Recinho

Estr. da Gávea

KOSMOS

KAIC

CA-0022

PARE

Av. Niemeyer

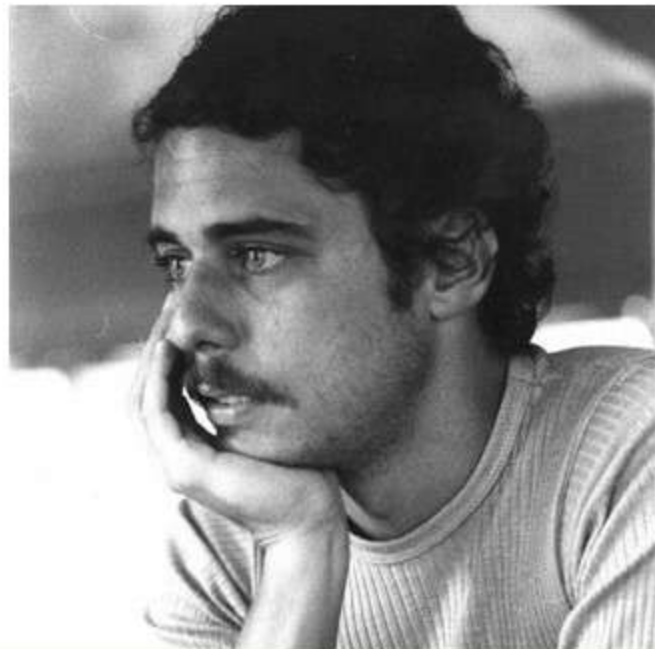
KOSMOS
KKAIC

POLICIA

TEL. 23 629 29

3605





PERSONAGENS



STUART ANGEL

Nascido em 1946, Stuart era filho de Norman e Zuleika Angel Jones. Criado no Rio de Janeiro e aluno de Economia da UFRJ, atuava no movimento estudantil e era membro do MR-8, organização de resistência armada à ditadura. Usava como codinomes 'Paulo' e 'Henrique'.

Stuart Angel tinha 25 anos de idade quando foi sequestrado em 14 de maio de 1971 por agentes do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), que funcionava dentro da Base Aérea do Galeão, para onde Stuart teria sido levado. Segundo Alex Polari de Alverga, militante preso no mesmo local, Stuart foi torturado até a morte.

O corpo de Stuart jamais foi encontrado.

A Aeronáutica nunca reconheceu sequer sua prisão e manteve sua imagem em cartazes de "procurados" mesmo após a sua morte.

Somente em 2019, o Estado reconheceu o assassinato de Stuart e de sua mãe, Zuzu Angel. Ambos "vítimas de morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro".



ZUZU ANGEL

Zuleika Angel Jones, antes Zuleika de Souza Netto, nasceu em 1923 na cidade mineira de Curvelo. Desde criança desenvolveu habilidades em costura, atividade que a levaria a seguir carreira profissional como estilista renomada.

Aos 20 anos casou-se com Norman Angel Jones, com quem teve três filhos, entre eles Stuart, o mais velho de todos e único homem, que desaparece aos 25 anos de idade.

Zuzu se lança numa busca incansável por seu filho. Ao tomar conhecimento de sua prisão e morte, através de uma carta a ela endereçada por Alex Polari, Zuzu comunica o crime a autoridades nacionais e estrangeiras, acusa a Justiça Militar, e se serve das passarelas da moda para denunciar o regime ditatorial mundo afora.

Zuzu incomoda. Alerta os amigos sobre ameaças de morte que vem recebendo, até que de fato elas se confirmam: em 14 de abril de 1976, na saída do túnel Dois Irmãos, hoje túnel Zuzu Angel, na Estrada Lagoa-Barra, RJ.



ALEX POLARI

Nascido em 1951, em João Pessoa, e morador do Rio de Janeiro, Alex Polari de Alverga fazia parte da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), organização armada de resistência à ditadura.

Participou do sequestro do embaixador alemão Ehreinfried Von Holleben, em 1970, um ano antes de ser pego pelo regime militar. Preso no mesmo lugar que seu companheiro Stuart Angel Jones, foi peça fundamental na luta de Zuzu por informações sobre seu filho. Em carta escrita à estilista, Alex Polari testemunhou as bárbaras torturas a que Stuart fora submetido antes de sua morte.

Alex Polari de Alverga ficou nove anos preso, dos 20 aos 29 anos, sendo solto somente em 1980, alguns meses depois de promulgada a Lei da Anistia.



CHICO BUARQUE

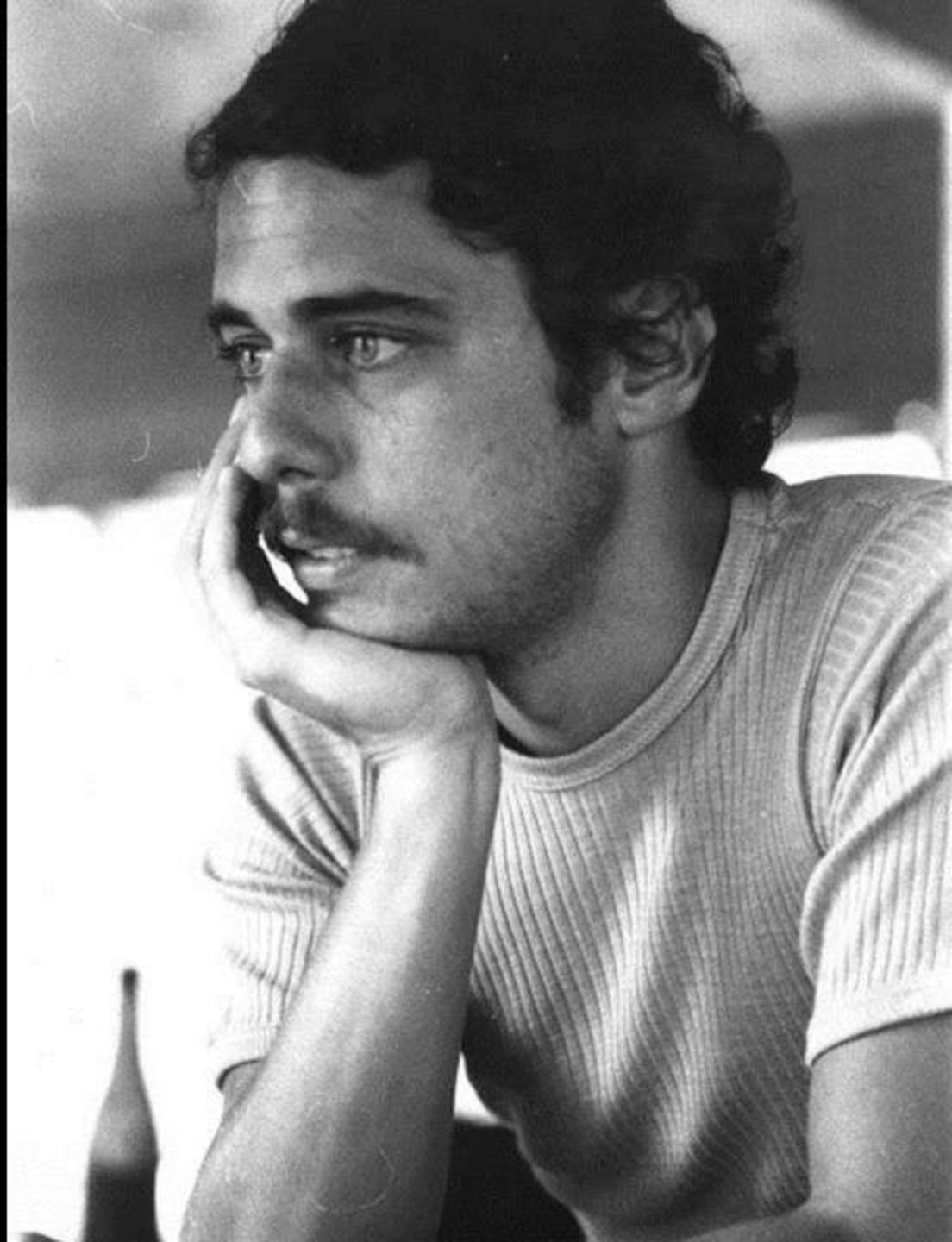
Francisco Buarque de Holanda, mais conhecido como Chico Buarque, nasceu em 1944 na cidade do Rio de Janeiro, dois anos antes de Stuart Angel Jones.

Cantor e compositor brasileiro, considerado uma das figuras mais influentes da música brasileira, já na década de 1960 destacava-se com suas composições. Através de sua música, Chico denunciou a ditadura militar e não se absteve da luta por liberdade. Muitas foram as canções que abordaram a temática, como, por exemplo, "Apesar de Você", "Cálice", "Construção" e "Angélica", música que compôs em homenagem à amiga Zuzu Angel, assassinada pelo regime militar.

Apesar das dificuldades enfrentadas, Chico Buarque continuou a se posicionar contra a ditadura e a defender a liberdade de expressão. Ele participou de movimentos artísticos e políticos de oposição, contribuindo para a formação de uma cultura de resistência.

Chico foi um grande amigo de Zuzu Angel. A estilista frequentava sua casa e dividia com ele documentos que conseguia, contava sobre sua luta, e por diversas vezes comentava que recebia ameaças pelo telefone.

Foi para Chico que Zuzu entregou o bilhete em que dizia que caso algo lhe acontecesse seria por obra daqueles que mataram seu filho.



HILDEGARD ANGEL

Nascida na cidade do Rio de Janeiro em setembro de 1949, Hildegard é a filha caçula de Zuzu Angel e Normal Angel Jones. Mais nova que Stuart, Hildegard trabalhou como atriz nas décadas de 1960 e 1970, chegando a atuar em novelas conhecidas da TV Globo, como *Selva de Pedra* e *Dancin' Days*. Seu trabalho como atriz não se limitou à televisão, participando também de obras de teatro e cinema.

A partir dos anos de 1980, passa a ser reconhecida na área do jornalismo, onde permanece até hoje. Já passou por redações de jornais como *O Globo* e *Jornal do Brasil*.

Em 1993, fundou o Instituto Zuzu Angel, organização não-governamental que tem como objetivo difundir a moda brasileira e seus profissionais, e preservar a memória de sua mãe e de seu irmão.

É muito atuante na luta pelo reconhecimento da responsabilidade do Estado nas mortes de Zuzu e Stuart Angel.



NOTA DA DIRETORA

Em 2018, como integrante da equipe de pesquisas relativas à Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), encontrei a primeira documentação que me levaria, mais tarde, a realizar este filme. O inquérito policial de investigação da morte de Zuzu Angel, produzido em 1976, apresentava inúmeras possibilidades de discussão sobre a relação entre documento e verdade, entre fotografia e documento probatório.

Desenvolvi o gosto pelo documento durante minha formação em História, área pela qual me graduei e segui até a conclusão do mestrado. Durante esse período, trabalhei diretamente com fontes primárias, desde as manuscritas, dos séculos XVI ao XIX, às fontes impressas. Com a oportunidade de participar da CEMDP, juntei o gosto pela documentação com o desejo de encontrar novas pistas sobre o destino trágico daqueles que lutaram por liberdade e democracia. Infelizmente, durante a pesquisa, não conseguimos novas informações sobre os desaparecidos políticos.

A partir de um desafio da professora Anita Leandro em sua disciplina de Edição de Imagens, na Escola de Comunicação da UFRJ, para que fizéssemos filmes exclusivamente a partir de materiais de arquivo, debrucei-me sobre o inquérito de Zuzu Angel e sobre a história de luta desta mulher. Partindo daí, mas expandindo a pesquisa rumo a fontes orais, como os testemunhos de Alex Polari, Hildegard Angel e Chico Buarque, este projeto de filme é, hoje, um convite à reflexão feito à sociedade brasileira sobre as atrocidades cometidas durante a ditadura. A certeza da impunidade faz com que torturadores e simpatizantes sigam se vangloriando publicamente. Uma cultura de violência se perpetua e a democracia se fragiliza. Neste sentido, o filme *Zuzu* se inscreve nas fileiras da luta pela responsabilização dos perpetradores, mesmo aqueles *post-mortem*. Como diz o lema do coletivo Ditadura Nunca Mais: “Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça”.

CONTATO

Fernanda Vinagre

fvinagreferreira@gmail.com

(21) 99817-6297 - Rio de Janeiro, RJ

ANEXO III

FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

“DEMOCRACIA PARA QUEM?”

Fernanda Vinagre Ferreira



Praia Vermelha – UFRJ, 1966.

600 estudantes cercados e espancados.

Legenda descritiva: A foto mostra uma calçada vazia do campus, a noite, com um orelhão ao fundo.



Dois anos antes, diz a capa do o jornal O Globo:
“(...) a democracia está sendo restabelecida.”

Legenda descritiva: A foto mostra uma calçada vazia do campus, a noite, com um orelhão ao fundo. Na imagem, há intervenções textuais de notícias de jornal. Os textos destas intervenções dizem: “600 estudantes espancados” e “Fugiu Goulart e a democracia está sendo restabelecida”.



Cosme Velho, 1971.

Aderval Alves Coqueiro é assassinado por agentes do DOI-CODI.

Legenda descritiva: A imagem mostra uma calçada vazia e a parede lateral de um prédio.



Morto com um tiro nas costas após ter seu apartamento invadido pela polícia.

O tiro nas costas foi noticiado como “resistência a tiroteio”.

Legenda descritiva: A imagem mostra uma calçada vazia e a parede lateral de um prédio. Na imagem, há intervenções textuais de notícias de jornal da época. Os textos destas intervenções dizem: “Células do Terror”, “Terrorista Tomba em Tiroteio”, “intervenção” e “Aderval 1971”. Também há uma foto colocada na parede de Aderval na parede do prédio.



Copacabana, 1971.

A Avenida Princesa Isabel é o último local de registro de Carlos Alberto Soares de Freitas.

Legenda descritiva: A imagem mostra a pista de carros da Avenida Princesa Isabel, em Copacabana. Na pista vemos carros circulando e ao fundo árvores em um dia ensolarado.



Seus nomes continuavam vinculados a termos depreciativos nos jornais.

“Terrorista”, “assaltante”, “subversivo”.

A violência era justificada.

Legenda descritiva: A imagem mostra a pista de carros da Avenida Princesa Isabel, em Copacabana. Na pista vemos carros circulando e ao fundo árvores. Na imagem, intervenções textuais e visuais são usadas com os nomes dos desaparecidos e termos utilizados por jornais da época.



Urca, 1971.

Sergio é preso por agentes do DOI CODI e nunca mais visto.

Legenda descritiva: A imagem mostra uma rua vazia. Não há pessoas ou carros na imagem.



Por ser registrado como foragido em documentos oficiais, o Estado tirava de si a responsabilidade pelo desaparecimento de pessoas.

Legenda descritiva: A imagem mostra uma rua vazia. Não há pessoas ou carros na imagem. Há intervenções visuais e textuais, com a foto de Sérgio Landulfo e termos utilizados por jornais da época.



Ipanema, 1982.

Solange se joga da janela de seu apartamento.

Legenda descritiva: A imagem mostra uma calçada vazia e a lateral de um prédio.



A repressão aproveitou-se de seu quadro psiquiátrico para conseguir informações.

Onze anos depois comete suicídio.

Legenda descritiva: A imagem mostra uma calçada vazia e a lateral de um prédio. Há na calçada e na parede do prédio intervenções visuais e textuais, com a foto de Solange Gomes e termos utilizados por jornais da época, como “intervenção”, “células do terror”, “segurança nacional” e “Esquadrão da Morte”.



Jardim Botânico, 1970.

Juarez e esposa são alvo de ação dos órgãos de repressão

Legenda descritiva: A imagem mostra a rua Jardim Botânico com poucos carros, de dia. Na lateral direita, vemos dois táxis parados.



A violência de Estado era encoberta e incentivada pelos grandes jornais.

Mortes e desaparecimentos eram noticiados de maneira distorcida em prol de um discurso.

Legenda descritiva: A imagem mostra a rua Jardim Botânico com poucos carros, de dia. Na lateral direita, vemos dois táxis parados. Na imagem há intervenções visuais e textuais, com a foto de Juarez Brito e termos utilizados pelos jornais da época, como “subversão”, “atropelamentos do dia” e “revolução”.